



Visões do Mal

Hugo Maximo

© creative commons

©
SOME RIGHTS RESERVED



Hugo Maximo

Visões do Mal

© Copyleft © 2007 Hugo Maximo.
Alguns direitos reservados ao autor.



Projeto Editorial:
H. Maximo

Capa:
H. Maximo

Você pode encontrar mais informações e livros deste autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Ficha Catalográfica

Maximo, Hugo
Visões do mal / Hugo Maximo. Blumenau:
Produção Independente, 2007.

213 p.

1. Ficção brasileira. I. Título.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.



Aos amigos Anderson Martins,
Luciano e família, Elias Nasato, Nenno
Silva e família, Daniel Boy, Everaldo
(Leo), Juliano Frena, Willian Spengler
Agradeço a todos pela amizade e paciência.
E especialmente ao amigo Jano Moskorz,
pelo primoroso título.

Para esta história optei pelo estilo conhecido como *Literatura Inglesa*, que consiste em contar uma história por meio de cartas e diários dos personagens. Isso criou um pequeno problema, pois se comunicar por cartas já não é tão comum aos dias de hoje, onde o e-mail mostra-se muito mais rápido e bastante difundido entre as pessoas. E há elementos na história que nos indicam que ela acontece em tempos atuais, mas mesmo assim optei pelas cartas e diários, pois isto daria o ar e certo chame de século XIX, que tanto queria na história. Desta forma, apoiado na *licença poética*, acredito ter transposto este pequeno detalhe que poderia vir a criar certa estranheza.

H.M.

“Ao final de cada Era se dá oportunidade às
Bestas, Homens e Deuses. Depois desta
oportunidade teremos que prestar contas de acordo
com a nossa obra.”

V. M. Rabolu

“I see the angels, laughing
Drinking blood in chalices of lead
I see the Devil kneel down
Kissing the hands of God
(...) Oh oh please believe me”

JANO MOSKORZ – Bad Visions

Prólogo

Ao que tudo indicava, aquele seria um verão dos diabos. O sol ardia sem piedade sobre a cabeça do velho, que inutilmente escondia o rosto por de trás dos óculos baratos. Contudo, o sol não o deteve. Caminhava para casa sem contar o tempo. Ajeitou a sacola de compras na mão esquerda e acendeu um cigarro habilidosamente com a direita. Podia sentir o suor escorrendo-lhe pelas costas, só não sentia a brisa.

— Maldita cidade sem vento! — praguejou.

O percurso até sua casa não era longo, além do que, precisava de exercícios. De modo algum os velhos tênis combinavam com a calça social, mas moda nunca fora o seu forte. Apesar do calor sentia-se confortável, e era apenas isso que importava. Na velhice, pensou, tudo o que importa é sentir-se confortável. Interrompeu a

caminhada para atravessar a rua. Continuava pensando na velhice.

— A aposentadoria é uma droga! — murmurou para o vento (que vento?).

Tinha os olhos atentos ao movimento na rua, quando de súbito, sentiu que alguém o observava. A sensação foi rápida, mas forte demais para ser ignorada. Sem virar a cabeça buscou com o canto dos olhos. Não havia nada nem ninguém. Sentiu-se um idiota, um idiota velho. Algo estava errado nestes últimos dias. A velhice nunca tinha pesado-lhe tanto. Era como se só agora estivesse pensando realmente sobre isso.

(*Velho*)

Era como se numa manhã qualquer de domingo, levasse um susto ao não se reconhecer diante do espelho. Quem diabos é esse? Espere, sou eu, mas parece que estou... velho! (Velho? Como?) Ora, não fique triste meu *velho*, você ainda pode se aposentar. Sim senhor, é isto que guardamos para os *velhos*. Fique tranquilo, talvez lhe arrumemos também uma boa e *velha* cadeira de balanço. Pode apostar que sim.

— Estou ficando doido! A velhice realmente não me cai bem! — o movimento cessou e ele atravessou desatento ao trânsito.

Quando faltavam apenas alguns minutos para chegar em casa, sentiu de novo a sensação de estar sendo observado. Era como se estivesse sendo seguido por alguém, e bem de perto. Virou-se bruscamente e viu aquilo. A visão foi como um flash. Durou apenas alguns microssegundos, mas que foram mais que suficientes para identificá-la. O velho deixou o cigarro cair, levantou os óculos e espremeu a vista. Buscou em volta. Seja lá o que fosse, havia sumido. Primeiro pensou que o calor podia estar afetando seu cérebro, mas a visão, apesar de rápida, parecia bem real. A hipótese mais provável é a de que estaria ficando louco.

— Eu vi um anjo! — disse ele atônito.

Balançou a cabeça num ar de auto-reprovação e seguiu para casa. Antes de dobrar a esquina, parou e lançou um olhar para o local da visão. Neste momento um desconfortável arrepio percorreu todo o velho corpo. E *desconfortável* era algo que estava aprendendo a aceitar, pois a velhice lhe era terrivelmente desconfortável. Quanto

ao arrepio, era como se sentisse *alguém caminhando por sua sepultura*. Sempre ouvia essa expressão no cinema, mas nunca a usara, nem podia, pois não fazia sentido para ele, pelo menos não até agora. Balançou novamente a cabeça tentando sem sucesso afastar a estranha sensação, e voltou a seguir seu caminho. No entanto, sua última frase ainda ecoava pelas paredes envelhecidas de seu crânio: "Eu vi um anjo!", dissera. (Anjo?) Esqueça! Depressa, antes que tome consciência do ciclo inevitável da vida! Rápido, esqueça! Anjos, Céu, Deus, vida eterna e todo o pacote enrolado numa fita vermelha. Na sua idade não é nada agradável ficar pensando nessas coisas, meu *Velho*! Você sabe disso. Sabe muito bem. Não existe atalho, você sabe. Oh, você realmente sabe, sim senhor! Não há como chegar ao céu sem morrer e a morte nunca esteve tão presente em sua vida quanto agora! A velhice nunca chega sozinha, há sempre alguém que a acompanha, sim senhor. A danada fica um pouco atrás, mas *Ela* sempre chega com a velhice, inevitavelmente. Você sabe de quem estamos falando não é? Você sabe quem é *Ela*, claro que sabe. Ora, a Dona Morte, lembra-se? Lembra-se de como ela entrou em sua vida? De como e quando *Ela* REALMENTE

ENTROU EM SUA VIDA? Lembra-se de seu menino...? Lembra-se do telefonema, o maldito telefone berrando estridente e chocoso, como se fosse capaz de antecipar o conteúdo da mensagem.

(meu menino... meu menino... morto)

O velho entrou na velha casa, sentou-se na velha cadeira e abandonou a sacola de compras sobre a velha mesa. Pôs-se a repensar sobre o ocorrido. Estaria ficando louco? Era mais provável que se tratasse da comum caduquice que acompanhava a desconfortável velhice. Enfim, parecia que os anos cobravam o seu preço, transformando a força da juventude em cansaço e loucura. Devia ser isso, o cansaço de uma longa batalha com a vida. A vida era assim. Era dura, mas precisava ser vivida. Enquanto enxugava o suor da testa sentiu que estava sendo observado novamente. Teve a nítida impressão de que um vulto havia passado por trás de si, pousando no outro extremo da pequena e velha cozinha. A tentação de olhar era muito forte, mas o medo de encontrar com o inimaginável era maior. Chamou pelo nome, mas Marta não estava em casa, sabia bem disso. Mentalmente pediu a Deus, rezando para não haver um anjo pousado em sua

cozinha. De súbito, virou-se e o anjo ali estava. O pânico o congelou, se fosse essa à intenção do anjo, o velho seria uma presa fácil. Porém, o ser alado nada fez. Estava plantado no mesmo lugar onde havia pousado. Tinha olhos e cabelos negros, vestia-se com um pesado sobretudo, perfurado nas costas para a saída das asas, que permaneciam aerodinamicamente acomodadas atrás do anjo. Seu rosto estava fechado numa careta de má vontade, como se estivesse ali por obrigação, relutantemente contra a sua vontade. Assim permaneceram os dois — o velho e o anjo —, olhando-se durante longos minutos.

Sem qualquer aviso o anjo tirou uma das mãos que estavam enfiadas no sobretudo, levantou-a num movimento rápido, parando-a no ar, na altura do peito. Mantinha-a aberta, como se desse um rápido sinal de adeus no melhor estilo dos índios norte-americanos. No instante seguinte, desapareceu como um *flash* de luz.

O velho permaneceu como estava, como se ainda estivesse vendo o anjo, olhando fixamente para o lugar que a aparição ocupara antes de sumir.

Pensamentos tomaram sua mente, tão rápidos quanto o ato de desaparecer do anjo. Em verdade, sabia

que era real, sentia isso nos ossos. Ossos que tremiam — e a velha artrite — diga-se de passagem, não tinha nada a ver com isso.

Certo, e agora? O que se faz depois de ver um anjo, hã? Isso o padre não ensinou. O que fazer? O coração parecia novamente jovem, pulando como um louco. O velho pode sentir as veias sendo sacudidas pela pressão com que o sangue era bombeado. Uma leve dormência apoderava-se de seus membros, especialmente do braço esquerdo. Ouvira em algum lugar que isso poderia indicar um enfarte. Mas é claro, esta é a resposta, depois de ver um anjo, basta apenas ter um maldito ataque do coração.

Então, para sua alegria, ouviu a porta da frente ser aberta. Era Marta, graças a Deus. Tentou ir ao seu encontro, mas não conseguiu se levantar, pois o choque enfraquecera suas velhas pernas. Tentou chamá-la, mas a voz lhe faltou à garganta. Esperou. Inevitavelmente Marta teria de vir à cozinha, mais cedo ou mais tarde. Não pode calcular o tempo que correu até que Marta trocou de roupas, usou o toalete e finalmente adentrou a cozinha. Marta assustou-se ao ver o marido jogado na cadeira, com aquela medonha expressão de terror estampada na face.

— O que foi homem de Deus? Parece que viu um fantasma!

— Pois vi — chorou ele. — Juro que vi!!

Parte Um

O Anjo Negro

*“O que eu sentia era tão certo,
Tão perto dos meus pesadelos...
Um Anjo Negro acorrentado,
Entregue ao próprio desespero (...)”*

(Anjo Negro - M. Hayena/Cal/ N. Nunes/ Jonathas)

01

O entardecer no hospital não era um dos melhores do mundo. Claro que havia os morros verdejantes ao redor, eternas sentinelas ao redor da cidade, mas não bastavam. Faltava algo. Talvez o mar. Havia ainda operários trabalhando em uma obra logo em frente. Muito ruído, muito pó. Mas o Dr. Conrad teve de contentar-se com o que tinha em mãos. Fazia sol e a temperatura estava — de certa forma —, agradável. Eram raros esses momentos entre uma consulta e outra, no qual podia subir ao terraço do hospital e fazer um pequeno lanche. Porém, não sentia fome. Tirou um pequeno caderno de notas do bolso do jaleco, folheou-o durante alguns minutos e pôs-se a escrever:

DIÁRIO DO Dr. CONRAD

(TAQUIGRAFADO)

3 de maio. Blumenau — Não tenho muito tempo para escrever, pois encontro-me no trabalho; no entanto, não poderia deixar de descrever certos sonhos, e a incrível sensação de vazio que me domina neste fim de tarde. A sensação de vazio eu conheço bem, pois é a mesma que me acompanha desde o dia em que Lara se foi. No entanto, esta sensação torna-se cada vez mais intensa, chegando a ponto de assustar-me demasiadamente. Temo que esta sensação torne-se pesada demais, a ponto de que eu não possa mais suportá-la. Ah Lara! Como me dói a tua falta!

Agora, quanto aos sonhos, não os compreendo. Estes são frios como uma lâmina que me toca durante a noite. Neles, vejo sempre o mesmo anjo. Uma mulher de face maravilhosa, hipnotizadora, com os olhos e os cabelos negros em contraste com as longas asas brancas. A sua semelhança com Lara assusta-me, pondo-me quase em pânico. Não faz nada, apenas me observa, despede-se e depois desaparece. Só escrevo isto para tentar entender

melhor esta situação em que me encontro. Já marquei para amanhã, uma consulta com um psiquiatra amigo meu. Estou certo de sua amizade para comigo, só espero que ele possa me ajudar, pois a confusão em minha mente está interferindo em meu trabalho. Só nesta semana já errei três diagnósticos, e isso é intolerável. Voltarei a escrever amanhã depois da consulta. Agora devo voltar ao trabalho, pois o meu maldito *bip* já está gritando por mim.

4 de maio — Estou em casa. A consulta foi rápida, mas o diagnóstico impreciso. Artur me indicou uma série de exames, pois segundo ele, sonhos repetitivos são, em geral, mensagens do corpo para a mente, avisando-a de que algo vai mal.

Ao chegar em casa, e por telefone mesmo, marquei uma consulta com outro colega, pois não arriscaria a examinar-me sozinho. Posso adiantar que sei que estou bem, pelo menos fisicamente. Presumo que, se apresento algum problema, este seja de origem psíquica. Como esta não é minha área, já marquei a consulta com outro especialista.

Ainda hoje, antes de começar a escrever neste diário, redigi e selei uma carta endereçada ao Diretor

Geral do hospital em que clinico, pedindo o meu afastamento temporário por motivos de saúde. De ontem para hoje o sonho se repetiu. Mas o fato de ser o mesmo não impede que eu me surpreenda, e de modo algum afasta meus receios.

**CARTA DO Dr. CONRAD AO Dr. MENDES,
DIRETOR GERAL**

04 de maio, Blumenau.

Caríssimo Amigo:

O motivo que me leva a lhe escrever esta, infelizmente o entristecerá. Trata-se de meu pedido de afastamento. Sei das condições que nosso hospital enfrenta, mas garanto-lhe que meu afastamento é inevitável, e que se não atendido, poderá vir a prejudicar o atendimento e tratamento de meus pacientes.

Assim sendo, peço meu afastamento imediato, a fim de realizar vários exames em minha pessoa. Contudo, garanto-lhe o recebimento do resultado destes exames, tão logo sejam emitidos.

Deixo a ti e por motivo de pressa, toda a parte burocrática deste afastamento, pondo-me disposto a assinar quaisquer termos por ti elaborados. Passo agora a agradecer-te, pois sei que me entenderás e aprovarás meu inoportuno afastamento.

Seu mui amigo

Dr. Conrad.

CARTA DO Dr. ARTUR AO Dr. CONRAD

(Não recebida pelo destinatário)

23 de maio, Blumenau.

Caro Amigo:

Escrevo-te imerso em preocupações, pois há vários dias tento estabelecer contato contigo. Porém, em sua casa o telefone nunca é atendido. Soube de teu afastamento, fato que só serviu para aumentar minhas preocupações.

O que se passa contigo?

Caso os exames indiquem algum problema, por favor, não deixe de me comunicar, pois tu és um grande amigo, e me entristeceria saber que não sou digno de tuas confidências.

Por incrível que pareça, ontem atendi um paciente que diz ter visto — por duas vezes seguidas — um anjo. As semelhanças com o teu caso não param por aí. Recomendei a ele os mesmos exames que a ti, e nada de errado foi encontrado no sujeito. Por favor, entre em contato tão logo seja possível.

Seu amigo

Dr. Artur.

CARTA DO Sr. ERNESTO AO Dr. ARTUR

25 de maio, Blumenau.

Caro Dr.:

Através desta, informo-lhe que o paradeiro do Dr. Conrad é desconhecido por nós. Sou o responsável pela correspondência dos moradores deste prédio.

Informo-lhe também, que diversas contas e outras correspondências do Dr. Conrad estão acumuladas em sua caixa de correio. Há também, o fato do Dr. Conrad não aparecer nas reuniões de condomínio, e de não ter sido visto ultimamente.

Com esta, cumpro o meu dever.

Atenciosamente,

Sr. ERNESTO.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR
(REGISTRO FONOGRAFICO)

28 de Maio. Blumenau — Acabo de receber uma pequena carta de um tal Sr. Ernesto, suposto responsável pelas correspondências de Conrad. Parece que Conrad encontra-se afastado da cidade. As dúvidas em relação ao meu amigo Douglas Conrad, só se fazem aumentar com as notícias que recebo (nota: agradecer ao Sr. Ernesto pelo recado).

O caso do aposentado Sr. Natanael Borges, tem se mostrado deveras interessante, a ponto de lhe dedicar mais tempo do que meus outros casos — que diga-se de passagem —, são rotineiros demais para maior atenção (nota: ou seja, a cidade está calma e seus malucos sob controle).

O Sr. Borges, ou Natanael como ele prefere ser chamado, não apresenta nenhum sinal de demência ou distúrbios nervosos. Além de um pouco cansado e da condição que o fumo lhe impõe, nada explica suas visões de anjo.

O Sr. Natanael é católico, mas confessou-me que nunca havia dado muita atenção para isto. Segundo ele, bastava acreditar e pronto. Primeiro pensei que as visões surgiam devido a algum sentimento de culpa. Mas o Sr. Natanael pareceu-me, como ele mesmo disse, estar pouco se *lixando* para a religião. Talvez seja realmente algum sentimento de culpa reprimido que insiste em vir à tona, mas se for, é totalmente inconsciente.

Como gostaria de conversar a esse respeito com Conrad, e evidentemente lhe ajudar com seu problema. Entretanto, parece-me que o doutor quer ficar sozinho.

Darei a ele mais alguns dias, mas se neste meio tempo não tiver notícias suas, terei de fazer algo a esse respeito.

3 de junho. Blumenau — Recomendei mais alguns testes para o Sr. Natanael. Esperava que o eletroencefalograma revelasse algum tipo de lesão que explicasse suas visões. No entanto, estes testes assim como os anteriores, nada revelaram.

É comum em alguns casos, lesões cerebrais causarem alucinações de várias naturezas, variando conforme a cultura e a religião do paciente.

Um caso curioso, é o do "sósia", ou "gêmeo". Isto ocorre quando o paciente apresenta uma lesão do lóbulo temporal. O sósia consiste em uma visão de si mesmo, o paciente vê a sua própria imagem e semelhança tridimensional, imitando-lhe cada palavra e ação, como se tivesse ao seu lado uma espécie de "espelho mágico" de si mesmo, repetindo seus movimentos e sua voz.

Nestes casos, o eletroencefalograma apresentaria formação de tumores, que operam lentamente, por muitos meses, aplicando uma pressão para cima na base do cérebro; mas finalmente adquiri um impulso súbito e numa

questão de semana, se não for cuidado, comprimi e esmaga a medula.*

Contudo, esta não é a minha área, apenas me interesse pelo assunto. Creio que devo recomendar-lhe outros exames antes de descartar a hipótese de lesão. No momento, encontro-me totalmente concentrado no caso do Sr. Natanael. Pedirei novos exames, mas tenho quase certeza de que tais exames não me revelarão nada.

Eliminando a hipótese de lesão cerebral, aplicarei no paciente uma sessão de hipnose, buscando possíveis causas para as suas visões.

Até o presente momento, não tive notícias de Conrad, creio que deva procurá-lo. No hospital, fui informado de que também não tem notícias de seu paradeiro.

* Nota: Explicações sobre lesões cerebrais extraídas do livro: LEGION, de William Peter Blatty. DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVISOS DE IMPRENSA S.A. Rio de Janeiro, RJ. 1983.

EXTRAIDO DO JORNAL LOCAL
(EXEMPLAR DE ASSINANTE: Dr. ARTUR)

Blumenau, 06 de junho.

O ESTRIPADOR DO VALE

Outro corpo é encontrado às margens da "prainha" (margem do rio Itajai Açu, no centro de Blumenau). Polícia local à caça do qual poderíamos atribuir o título de o primeiro *assassino serial* desta região. Os métodos, menos os pormenores ainda não divulgados pelas autoridades policiais, mostram-se nada menos que

hediondos. Os três corpos já encontrados apresentam varias mutilações.

Parece que Blumenau agora tem o seu equivalente do assassino inglês conhecido com "Jack, O Estripador", pois a polícia suspeita de que o assassino tenha conhecimentos de medicina, isto devido ao "Modus Operandi" identificado nas vítimas. A única diferença que se nota, é que o "Estripador do Vale", como vem sendo chamado, não ataca somente mulheres. (Cont. pág. 04)

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

6 de junho. Blumenau — Apesar dos novos exames realizados no Sr. Natanael, nada terem revelado, fizemos grandes progressos. Mesmo ainda não tendo realizado a sessão de hipnose, o Sr. Natanael revelou-me um fato deveras importante: a recente morte de seu filho num acidente de trabalho na construção civil. Um trauma desse tipo poderia ser um ponto de partida para determinar o motivo e as origens de suas alucinações. Cheguei até a

censurá-lo por negligenciar-me tal fato. Ele pediu-me desculpas, envergonhado, tamanha foi a minha reação ao fato não mencionado. "É a idade", desculpou-se.

A Dra. Clarice Ferraz — responsável pelos eletroencefalogramas realizados no Sr. Natanael — tem se mostrado vivamente interessada neste caso em particular. Amiga de velha data, e perita em assuntos de Anjos Cabalísticos (não faço à menor idéia de o porque uma neurologista se interessaria por assuntos esotéricos, mas isto não vem ao caso), se dispôs a me auxiliar nas sessões a serem realizadas com o Sr. Natanael. Particularmente não acredito em anjos, mas sim em mentes influenciáveis. Contudo, será um enorme prazer tê-la comigo durante as sessões, em que, diga-se de passagem, tenho de aturar o cansativo mau humor do Sr. Natanael.

6 de junho, madrugada — Não pretendia registrar mais nada esta noite, mas o conteúdo do jornal que acabo de folhar, roubou-me totalmente o sono. Após algumas tentativas frustradas de esquecer o assunto e tentar dormir, resolvi registrar meus pensamentos para tentar raciocinar com mais clareza.

A manchete fala sobre os assassinatos que vem ocorrendo na cidade. Já tinha conhecimento destes, porém um novo fato chamou-me brutalmente a atenção. Segundo o jornal, o assassino teria conhecimentos de anatomia humana, e por mais absurdo que seja, não consigo parar de pensar que talvez haja alguma ligação com Conrad. Acho que de tanto trabalhar com loucos, estou me tornando um deles! Besteira, provavelmente estou impressionado com a manchete, e o fato de Conrad não dar notícias, só fez a minha imaginação trabalhar em excesso. Em todo caso, amanhã, se conseguir um tempinho entre uma consulta e outra, tratarei de procurá-lo.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(TAQUIGRAFADO)

6 de junho. Blumenau — Ontem, além da boa surpresa que foi rever o sumido Artur, pude estudar os exames do paciente que me foi enviado por ele, de nome Natanael Borges. Os exames do Sr. Borges não revelaram absolutamente nada. Para sua idade, o seu cérebro

funciona perfeitamente bem, além do que, mostra-se portador de uma invejável caixa craniana. Porém, o que surpreende tanto a mim quanto ao Dr. Artur, é a natureza das alucinações. Concordo com o doutor quanto à possibilidade da origem, mas, no entanto, é o conteúdo das alucinações que me intriga. O Anjo Negro descrito pelo Sr. Borges, no que me consta, parece se referir a um certo tipo de anjo, denominado de "Gênio Contrário" ou "Anjo Rebelde".

Conta-se que determinados anjos, por sentirem ciúmes de Deus pela especial atenção Dele para com os homens, rebelaram-se contra O Criador, surgindo assim, a guerra no céu. Estes anjos transgrediram as leis divinas, pois se apaixonaram pelas filhas de Noé, por isso foram condenados ao inferno ou reino inferior. Desde então, estes desgarrados, sob o comando de Lúcifer, semeiam a discórdia pelo mundo.

O Anjo Contrário é caracterizado nos homens, pela falta de pensamento ou razão, aquele que age por instinto. Assim são os animais, agem por instinto, caracterizado nestes casos pela fúria. A ausência de raciocínio ou o

estado de fúria assassina é representado pela besta, pelo diabo, que sugere divisão, confusão.

A intenção do Gênio Contrário é o mal pelo mal, pois eles próprios sentem-se traídos por Deus. Agem através da tentação, mas existem vários casos de possessão demoníaca atribuídas a Anjos Negros. Os homens, quando morrem e não se desligam do instinto, correm o risco de se aventurarem pelo reino inferior. O mesmo acontece com médiuns que praticam a projeção astral, abandonando o corpo e deixando-o sem a devida proteção, pois um corpo sem alma, torna-se um alvo fácil para o Anjo Negro.

Amanhã, como tenho a tarde de folga, passarei no consultório do Dr. Artur, a fim de informar-lhe sobre estes assuntos. Quem sabe se eu conseguir sair mais cedo, posso até convidá-lo para almoçar.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(ESCRITO NO CADERNO DE NOTAS)

7 de junho, hora do almoço. Blumenau — Encontro-me no pequeno Café de frente ao meu consultório. Devido às preocupações com o sumiço de meu colega, Douglas Conrad, cancelei todas as consultas da manhã e fui direto ao edifício onde Conrad reside. O que se deu por lá, transcreverei agora para meu próprio entender.

Logo que acordei hoje cedo, telefonei para o consultório desmarcando os horários da manhã. Em seguida, apresei-me para ir ao apartamento de Conrad. Lá chegando, ao perguntar pelo senhor Ernesto, fui informado pelo porteiro que este havia subido ao apartamento de

Conrad acompanhado da polícia. Agradei ao porteiro pela informação e com sua autorização subi rapidamente para o apartamento de Conrad. Quando lá, fui barrado na porta por um jovem de terno escuro. Disse-lhe que precisava falar com o responsável, e quando o jovem estava prestes a mandar-me embora, ouvi uma voz vinda de dentro do apartamento:

— Pode deixar Cisco — ao ouvir a voz de seu superior, o jovem inspetor afastou-se, liberando-me a passagem.

Entrei e me vi frete a dois homens. Um baixo e atarracado com um mal traçado bigode, o outro era alto, velho, mas forte, com a origem italiana bem estampada na face.

— O que deseja? — perguntou-me o italiano.

— O encarregado — respondi.

— Sou o Inspetor Castelo, Elias Castelo, em que posso ser útil? — perguntou estendendo-me a mão.

— Sou o Dr. Mário Artur — disse, respondendo ao gesto.

— Este é o Sr. Ernesto, e aquele jovem ali na porta é meu auxiliar, o Inspetor Cisco.

Cumprimentamo-nos, e quando voltei meus olhos para o Inspetor Castelo, este estava encarando-me, como se esperasse uma resposta.

— Ah sim — comecei, — é sobre o Dr. Conrad. Ele é meu amigo pessoal, e há dias não tenho notícias suas. O Sr. Ernesto mesmo recebeu algumas correspondências e notificou-me da ausência do Dr. Conrad.

Neste instante os olhos do inspetor brilharam. Ele virou-se para o Sr. Ernesto e perguntou-lhe se procedia, este lhe respondeu afirmativamente com um sinal de cabeça.

— Importa-se de buscar estas correspondências para mim?

— De maneira nenhuma inspetor — respondeu o Sr. Ernesto, saindo para o corredor.

Com um gesto de braço, o Inspetor Castelo convidou-me para sentar. Era estranho estar sentado na sala de Conrad sem ele por perto. Por fim, sentei.

— Sr. Artur, não é mesmo? — perguntou o inspetor.

Fiz que sim com a cabeça. A polícia sempre me põe nervoso.

— Importa-se se lhe fizer algumas perguntas? — fiz que não com a cabeça.

— Trata-se apenas de rotina — concluiu.

— No que eu puder ser útil, senhor.

— Por favor, me chame de Castelo.

Parecia mais uma ordem do que um favor, mas com a lei não se brinca, pensei. O inspetor retirou de um de seus bolsos um pequeno caderno de anotações, e começou a folhá-lo.

— Sabe dos crimes que vem ocorrendo, não sabe?

— Sim.

— Bem — começou ele, molhando a ponta do lápis na língua. — Devido à gravidade da situação, estamos investigando todos os médicos por aqui...

— Sou apenas psiquiatra — informei-lhe, quase me arrependendo de tê-lo interrompido. O inspetor observou-me, como se estivesse constatando a verdade nos meus olhos.

— Não importa. O senhor está na minha lista, e já que esta aqui, poderia me poupar um bocado de tempo.

— Com todo prazer.

Neste instante o Sr. Ernesto voltava a sala com um punhado de cartas na mão, então as passou para o Inspetor Castelo. Este as examinou minuciosamente, aparentemente tinha se esquecido de minha presença. Porém, seus olhos pousaram na carta que eu havia enviado a Conrad. Fui tomado pelo pânico. As sobrancelhas do inspetor fecharam-se numa expressão de concentração e depois se voltou para mim.

— O Dr. Conrad está sofrendo de algum distúrbio mental? — eu hesitei ante a pergunta. — Peço que seja absolutamente sincero comigo, Dr. Artur.

— O sigilo profissional impede-me de revelar-lhe qualquer informação dessa natureza.

O inspetor respirou fundo, como se estivesse armazenando ar para um longo mergulho.

— O senhor sabe que tenho meios para conseguir tal informação, não sabe?

— Sim, mas acho que posso poupá-lo deste trabalho, pois os poucos dados que tenho não são suficientes para qualquer diagnóstico.

— Entendo, mas em sua carta o senhor menciona que um paciente seu afirma ver anjos, e que o caso assemelha-se ao do Dr. Conrad. O senhor gostaria que eu lesse a carta para o senhor?

— Não é necessário — respondi.

— Pois bem, responda-me somente uma pergunta doutor. Com os poucos dados que tem, o senhor poderia dizer, hipoteticamente é claro, que o Dr. Conrad sofre de algum distúrbio mental?

Eu hesitei de novo, e aqueles olhos aguçados de falcão pegaram-me de forma fatal.

— Sim, é uma hipótese.

— Obrigado doutor, o senhor prestou-me um grande favor.

O inspetor levantou-se agilmente e se voltou para o Sr. Ernesto. Disse-lhe que não deveria deixar ninguém entrar no apartamento de Conrad até que a perícia tenha-o liberado. Ao ouvir isto me pus em alerta.

— O que isso significa inspetor? — perguntei.

— Bem, com as suas informações, somadas ao fato do Dr. Conrad ter desaparecido e com ele a sua maleta de médico, mas deixando todo outro tipo de bagagem, não se

esquecendo que a especialidade do já citado doutor é a de clínico geral, devo informa-lhe que isto significa que temos um suspeito. Anotou tudo! — gritou para Cisco.

— Não senhor!

— Então acorda homem, prepare o relatório e rápido, pois eu quero esse mandato expedido ainda hoje.

Como posso descrever o que senti neste momento, talvez apenas dizendo que um pesadelo havia tornado-se realidade. Pobre amigo, onde andarás? O que posso fazer? No momento não consigo pensar em nada. Agora, devo voltar para o consultório, pois a primeira consulta da tarde é a do Sr. Natanael.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE

(CONTINUAÇÃO)

7 de junho. Blumenau — O meu encontro com o Dr. Artur ocorrido hoje, foi um tanto conturbado. Passei praticamente o horário de almoço inteiro em seu consultório, esperando-o. Por fim, quando chegou, mostrou-se bastante abatido e preocupado. Quando lhe

indaguei o motivo, disse que era um assunto pessoal e que não gostaria de comentá-lo. A frieza do doutor me magoou um pouco, mas ele, percebendo minha reação e sendo o cavalheiro que é, desculpou-se me explicando que se encontrava terrivelmente preocupado com o desaparecimento em circunstâncias misteriosas de um amigo íntimo. Perdoei-o, pois reconheci em seu semblante a honestidade. Entramos em sua sala e tomamos café, esperando a chegada do Sr. Borges. Como o doutor mostrou-se mais entusiasmado, expliquei-lhe sobre o Anjo Negro. Ele ouviu tudo atentamente, mas acho que não levou tudo muito a sério. Por fim, o Sr. Borges entrou na sala, e demos início a consulta.

Um fato revelado pelo Sr. Borges a respeito do anjo, intrigou-me. O Sr. Natanael o descreveu como sendo calmo e de olhar triste, como se estivesse cansado, mas apesar de tudo, dava a impressão de ser necessária sua presença. Este não é o comportamento normal dos Anjos Rebeldes, mas conta-se que são ótimos manipuladores da verdade, assim como o seu mestre infernal. Dizem que o diabo às vezes se faz de anjo para melhor iludir sua vítima. Mas a descrição do anjo, assim mesmo intrigou-me.

Outro fato intrigante revelado pelo Sr. Borges, que insistia em ser chamado apenas de Natanael, foi o de que o anjo — durante a sua última aparição — havia tentado falar, mas mostrou-se tão surpreso quanto o Sr. Natanael quando, segundo o paciente, faltaram-lhe as palavras. Em todos os relatos envolvendo Anjos Negros, isso nunca havia acontecido. Pelo contrário, sendo anjos, possuíam, segundo relatos, uma voz belíssima. O Dr. Artur, talvez pelo fato de estar preocupado com seu amigo desaparecido ou por não querer realizar a sessão de hipnose na minha presença, deu por encerrada a consulta. Depois que o Sr. Natanael saiu, Artur e eu combinamos de almoçar no dia seguinte.

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO
(REFERENTES AO CASO "ESTRIPADOR DO VALE")

7 de junho, meia-noite. Blumenau — Essa é uma história um bocado esquisita. Primeiro: uma moça morta. Devido à natureza das mutilações, a arma do crime foi identificada como sendo um bisturi cirúrgico; devido à precisão das já citadas mutilações, um médico, cirurgião ou clínico geral. Depois mais dois corpos, um garoto de treze anos e outra moça. A única ligação aparente entra as vítimas é o fato de serem menores de idade.

Segundo: um clínico geral de nome Douglas Conrad, com um possível distúrbio mental ou emocional, desaparece sem avisar ninguém, levando como sua única bagagem, a maleta médica.

Segundo as informações do Inspetor Cisco, o Dr. Conrad havia perdido a noiva há pouco tempo. Acredito que isso foi à origem de seus distúrbios e o motivo pelo qual matou as moças, pois talvez visse nelas, a noiva morta. Já havia acontecido. Fato que podemos comprovar no farto arquivo, generosamente cedido pela polícia inglesa. Mas porque matar um menino? Não faz sentido. Algo não encaixa.

Bem, em todo caso, amanhã será expedido um mandado e enviaremos aos jornais um pequeno relatório do caso, acompanhado é claro, de uma foto do Dr. Douglas Conrad.

EXTRAIDO DO JORNAL LOCAL II
(EXEMPLAR DE ASSINATE: Sr. NATANAEL
BORGES)

08 de junho, Blumenau.

(...) Sendo o Dr. Douglas Conrad, considerado o principal suspeito, a polícia pede encarecidamente que,

quem por ventura o identificar, deve informar imediatamente o departamento de polícia. (Segue abaixo foto recente do Dr. Conrad)

DIÁRIO DA Dr. CLARICE

(CONTINUAÇÃO)

8 de junho. Blumenau — O Dr. Artur e eu nos encontramos na hora marcada, no simpático Café de frente ao seu consultório. Artur pareceu-me bastante abatido, suponho que não tenha dormido direito. Tentei forçar o assunto sobre o amigo desaparecido, mas ele mostrou-se um pouco irritado com a minha inoportuna insistência, contudo, o perdoei.

Falamos sobre o caso Natanael, e Artur me pediu mais explicações sobre anjos, fato que me espantou, especialmente a natureza das perguntas. Mas creio apenas que se trata de um bom médico checando todas as possibilidades para encontrar a origem dos distúrbios de seu paciente. Mas de repente aconteceu algo que me intrigou ainda mais. Vimos o Sr. Natanael correndo pela

rua em direção ao consultório do Dr. Artur. Ao vê-lo, Artur levantou-se rapidamente, jogando sobre a mesa o dinheiro da conta. Pedi que me deixasse acompanhá-lo, mas ele pediu que não fosse, prometendo informar-me de qualquer problema. Despedimos-nos rapidamente e ele seguiu para seu consultório. Neste instante, tive o impulso de esperar a saída do Sr. Natanael, a fim de investigar o que se passava, mas não estaria agindo de forma correta com o Dr. Artur. Assim sendo, voltei para meu trabalho, imersa em preocupações.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR.

(CONTINUAÇÃO)

8 de junho. Blumenau — Acho que estou enlouquecendo, ou pelo menos, o Sr. Natanael está. Tentarei registrar tudo desde o princípio, a fim de entender melhor esta estranha situação. Quando estava almoçando com a Dr. Clarice, vi o Sr. Natanael correndo desesperado para meu consultório. Subitamente me ocorreu relacionar o fato do Sr. Natanael estar trazendo um jornal nas mãos,

com a possível notícia de Conrad ser considerado o principal suspeito dos recentes crimes ocorridos. Já havia lido o jornal pela manhã, fato que estragou meu almoço. Devo ter parecido a Dr. Clarice um perfeito ranzinza (nota: creio que lhe devo um pedido de desculpas). Porém, mas que depressa, segui ao encontro do Sr. Natanael. Ao entrar no consultório, minha secretária encontrava-se servindo o Sr. Natanael de um copo de água. O homem estava bufando como um touro. O conduzi até minha sala, fazendo-o sentar-se no divã. Assim que recuperou um pouco o fôlego, o Sr. Natanael começou a falar apressadamente, fato que tornou incompreensível suas palavras.

— Devagar homem — disse para acalmá-lo.

— Deus — disse ele finalmente. — Estou doido!

— Sr. Natanael, por favor, calma — era inútil. —

O senhor tem algo a me dizer? É sobre o jornal?

Ele fez que sim com a cabeça, várias vezes.

— O assassino!

— Suspeito, o senhor quer dizer — corrigi, mas também foi inútil.

— O assassino! Veja a foto!

— Eu o conheço, senhor Natanael, o que tem o homem da foto?

— Ele é o anjo que vejo! É ele! É o Anjo Negro!

Fui tomado pelo choque. Acabei por cair sentado no divã, ao lado do Sr. Natanael. Não é possível! Era como se estivessem brincando comigo, como se eu estivesse reconhecendo uma piada de mau gosto, de muito mau gosto.

Considero agora os fatos, somente pare tentar explicar o que se passa. Supondo-se que devido ao trauma, que é a perda de um filho, o Sr. Natanael tenha sido atormentado por recordações e sentimentos de culpa reprimidos em seu inconsciente, que se manifestavam em forma de visões. A causa seria então uma reação de muitas emoções armazenadas no subconsciente, já que foi descartada a possibilidade de lesão cerebral.

A explicação do conteúdo das visões, seria a pouca crença do senhor Natanael na igreja, em contraste evidente, que pude notar, com a de sua esposa, que é religiosa em demasia. Novamente seria atribuído então, a culpa reprimida. Em alguns casos, pessoas que perdem parentes próximos, normalmente culpam a Deus, ou a si

mesmos por não terem sido fieis as leis divinas. Mas como explicar o fato de Conrad ser o anjo das visões do Sr. Natanael?

Certos distúrbios emocionais, assim como algumas lesões no lóbulo cerebral, causam a sensação de fuga, conhecida como *déjà vu*, assim como o oposto, *jamais vu* — uma sensação de estranheza num ambiente familiar. Na maioria das vezes, o consumo de álcool as desencadeia.

Há também alucinações visuais de naturezas diversas, como a micropsia, em que objetos parecem menores do que são; e levitação, a sensação de se levantar pelo ar, sem qualquer apoio. O mais raro de todos é o caso do sócia, porém estes exemplos são característicos de lesão do lóbulo cerebral. Contudo, há algo semelhante à sensação de *déjà vu*, que pode ser causado por distúrbios emocionais. Este consiste, em alguns casos, por exemplo, de um paciente sonhar com uma pessoa que achava que não conhecia. O paciente não conhecia realmente a pessoa que via nos sonhos, mas em algum momento da vida, é possível que esta pessoa tenha sido vista de relance em uma multidão, por exemplo, e o seu subconsciente tenha

por alguma razão, registrado aquele rosto na memória, simplesmente por tê-lo achado belo, ou marcante.

Há ainda, o que alguns psicanalistas chamam de "memória ancestral", ou "memória hereditária", que consiste em possuir memórias que não são suas, e sim de um possível ancestral, ou de uma vida passada (*hei filho, se seu pai ouvia morcegos no sótão, é claro que você vai ouvir também!!*). Porém, acredito que a memória ou registro fotográfico do subconsciente, seja melhor para ilustrar este caso. No entanto, estas suposições apresentam várias falhas, e creio que meu envolvimento pessoal como amigo de Conrad, esteja atrapalhado meus pensamentos. Talvez eu deva revelar tudo a Dra. Clarice e pedir o seu auxílio. Assim, recomendei ao Sr. Natanael um forte calmante, e pedi que me procurasse havendo qualquer novidade.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

9 de junho. Blumenau — Atendendo ao pedido do Dr. Artur, encontramos-nos em seu consultório logo ao final da tarde de hoje. O que me relatou o doutor, deixou-me de queixo caído, parecendo nada menos que loucura. No entanto, é impossível negar que há relação entre o caso do Sr. Natanael, com as mortes que vem sendo atribuídas ao Dr. Conrad. A explicação do Dr. Artur sobre a "memória fotográfica inconsciente", pareceu-me, não totalmente, mas em parte, um pouco falha. Ela explica com precisão o fato de uma pessoa estranha aparecer na alucinação de outra, mas onde se encaixa o anjo nisso tudo?

Apesar de avançada, a nossa medicina ainda não conhece totalmente a mente humana. Fora isso, não consigo descartar a possibilidade do envolvimento do Anjo Negro, mas o fato deste revelar-se sob o semblante do desaparecido Dr. Conrad, abala totalmente a estrutura de meus conhecimentos sobre tal assunto. Fico então, sem a menor possibilidade de formular hipóteses para o caso. Artur encontra-se profundamente abatido, temendo pela segurança do amigo, e apesar de meus esforços para tranquilizá-lo, ele se mostra cada vez mais abalado. Marcamos então para o dia seguinte, uma consulta para o Sr. Natanael, no qual será aplicada pelo Dr. Artur, uma sessão de hipnose.

Não poderia deixar de registrar aqui — para futuras referências — as explicações dadas pelo Dr. Artur. Por exemplo, das alucinações propriamente ditas: existe um fenômeno experimentado por um grande número de pessoas, que projeta grande clareza sobre o modo de produção dos sonhos: são as alucinações de que é precedido o sono ou acompanhando o despertar.

Tais imagens, tais sensações fantásticas se produzem no momento em que o sono nos empolga, ou

quando ainda estamos imperfeitamente acordados. Constituem um gênero à parte de alucinações, às quais convém o epíteto de hipnagógicas, palavra derivada do grego: sono, que transporta, condutor, cuja reunião indica o momento em que a alucinação de ordinário se manifesta.

As pessoas que mais freqüentemente experimentam essas alucinações hipnagógicas, são de uma constituição facilmente excitáveis e geralmente predispostas à hipertrofia do coração, à pericardite e às afecções cerebrais.

Em geral, esse fenômeno deve ligar-se a uma superexcitação do sistema nervoso e a uma tendência congestiva do cérebro. Em apoio das modernas observações, tende-se a considerar a congestão cerebral, bem como a cefalalgia, como algumas das causas características das alucinações.

A alucinação hipnagógica é um índice de que, durante o sono que se prepara, a atividade sensorial e cerebral será notavelmente enfraquecida. Como efeito, quando essas alucinações têm início, deixa a mente de estar atenta; não prossegue mais na ordem lógica e voluntária de suas reflexões; abandona a si mesma sua

imaginação, e torna-se a testemunha passiva das criações que esta faz nascer e desaparecer incessantemente. Esta condição de não-atenção, de não-tensão intelectual é, no começo, necessária para a produção do fenômeno; explica também como este é um pródromo do sono. Isso porque, para que possamos entregar-nos a ele, é preciso que a inteligência, de alguma sorte, distenda suas molas e se mantenha em um semi-estado de torpor.

Por essa razão é que certas pessoas pouco habituadas à meditação ou a atenção puramente mental, adormecem logo que procuram meditar ou apenas ler. Isso acontece porque não estando a atenção suficientemente excitada pelo assunto meditado ou pelo interesse do livro, ela se retira e o sono não tarda a apoderar-se de nós. Assim, a mente perde, "em parte", a consciência do "eu", assumindo um estado passivo. Diz-se "em parte", pois os sentidos ainda funcionam: o ouvido escuta, os olhos vêem, mas sem se darem conta disto. Assim, os sentidos se prendem a qualquer coisa que lhes chamem a atenção. Estando então a mente nas mãos das alucinações, que a leva para onde bem quiser.

É comum, por exemplo, uma pessoa no momento em que se deita, ouvir vozes, às vezes chamando seu nome, ou rostos que nos conduzem as mais incríveis sensações. Isto por fim, somado a hipótese da memória fotográfica inconsciente, explicaria novamente em parte, as alucinações do Sr. Natanael. Isto claro, se considerarmos que possuindo a memória inconsciente do rosto do Dr. Conrad, somado a perda recente do filho, que teriam sido desencadeadas por uma congestão cerebral, e se formado como alucinação hipnagógica, em um primeiro momento, mas que depois, levando em conta o incrível poder da auto sugestão, viria a se manifestar inconscientemente e independentemente do fator pré-sono.* Porém, ainda resta uma dúvida: Onde entra o Anjo Negro nisto tudo?

* Nota: Explicações sobre alucinações hipnagógicas extraídas do livro: O DESCONHECIDO e os Problemas Psíquicos de Camilo Flammarion. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro. 1954.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

9 de junho. Blumenau — Quando cheguei do encontro com a Dra. Clarice esta tarde, encontrei em minha caixa de correio o seguinte bilhete:

"Artur, encontre-me amanhã à noite em frente ao seu consultório.

Conrad"

É sem sombra de dúvida a letra de Douglas, porém um pouco estranha. Não sei em que aspecto, mas há algo de errado. Contudo, não posso negar-lhe ajuda, ainda mais tratando-se de um paciente, pois não posso me esquecer que antes de desaparecer, Conrad estava tratando-se comigo. Certamente é isso que irei alegar no caso de ser considerado cúmplice de assassinato. Amanhã, juntamente com a Dra. Clarice, hipnotizarei o Sr. Natanael, a fim de tentar desvendar este mistério.

Eu não consigo afastar a possibilidade de que Conrad esteja descontrolado, e que indo ao seu encontro, corro risco de vida. Mas parece-me que os laços de amizade são mais fortes que o medo, pois constato que já me decidi por encontrá-lo.

No caso de algo me acontecer, já estará preparado uma cópia deste diário a ser entregue ao Inspetor Elias Castelo. Por hora, devo tentar dormir um pouco, visto que esta não tem sido uma de minhas prioridades.

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO

(CONTINUAÇÃO)

9 de junho, madrugada. Blumenau — Mais um corpo. Outra moça. O filho da mãe continua seguindo o padrão. Infelizmente só é considerado um padrão em minha mente. Isto devido ao assassinato do menino não se encaixar com o das moças. O menino morto seria suficiente para trair o padrão, porém o meu instinto nunca me falhou. É este mesmo instinto que me diz para acreditar no padrão. Seguindo então o instinto, devo

esquecer o menino morto e seguir o padrão... por Deus!
Como posso ignorar um menino morto?

Assim farei, pois acredito que o assassino esteja escondendo "folhas na floresta". Esta é uma expressão de detetives. Consiste na lógica da dedução, pois o melhor lugar para se esconder uma folha, é em uma floresta; um livro, em uma biblioteca, assim como matar um menino para trair o padrão do assassino, que ao meu ver, se caracteriza por matar jovens donzelas.

Contudo, há sem dúvida alguma, mais elos nesta corrente. O Dr. Artur, por exemplo. Há ainda o tal paciente que vê coisas parecidas com as que vê o Dr. Conrad. Não acreditando em coincidências, devo por tanto, levar tudo isto em conta. Vejo-me obrigado a interrogar tanto o Dr. Artur, como seu paciente, pois também não acredito inteiramente nos fatos, tendo em conta que estes, normalmente costumam nos levar aos seus respectivos pressupostos.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR
(CONTINUAÇÃO)

10 de junho. Blumenau — Agora me encontro sozinho em meu consultório. Procurarei registrar tudo o que aconteceu na manhã de hoje, da forma mais detalhada possível, pois creio que talvez seja necessário pôr o Inspetor Elias Castelo à par destas terríveis descobertas. Foi assim que tudo ocorreu:

Cheguei ao consultório logo pela manhã, e assustei-me ao ver a Dra. Clarice junto à porta. Entramos, nos servimos de café e ficamos aguardando o Sr. Natanael. Este chegou logo em seguida. Acomodei o Sr. Natanael no divã, que fica no centro de minha sala, e me sentei ao seu lado, em minha "poltrona de ouvir confissões". A Dra.

Clarice insistiu em permanecer em pé, apesar dos meus avisos de que talvez a sessão demorasse um pouco.

Facilmente coloquei o Sr. Natanael em transe, e não pude deixar de notar a expressão de exclamação na face da Dra. Clarice. Enfim, comecei a fazer as perguntas:

— Sr. Natanael, diga-me onde está?

— Em seu consultório — ele encontrava-se de olhos fechados, respondendo tudo calmamente.

— O senhor vê algo de anormal neste cenário? — esta pergunta era de rotina, não esperava resposta fora do comum, no entanto foi exatamente o que obtive.

— Sim, ele está aqui. Agora eu o vejo nitidamente — disse ele.

A Doutora e eu, instintivamente vasculhamos a sala com os olhos, porém nada vimos.

— Quem é ele? — perguntei já sabendo a resposta.

— O Anjo Negro — houve uma pausa. — O Anjo Conrad.

— Onde ele está, exatamente?

— Ao seu lado, ele gosta do senhor — outra pausa.
— Ele mexe os lábios, mas não consigo ouvi-lo.

— Preste atenção em minha voz Sr. Natanael —
comecei, — a partir de agora o senhor irá ouvi-lo.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Ele me mandou dizer que o senhor não deve ir
ao encontro desta noite.

Qual não foi meu susto, pois era evidente que o Sr. Natanael estava referindo-se ao bilhete que eu havia recebido de Conrad, no qual me pedia para encontrá-lo esta noite. Como era possível?

A primeira coisa em que pensei, era que o Sr. Natanael se encontrava esquizofrênico e que teria ele mesmo me mandado aquele bilhete, mas como se a letra era de Conrad? E por que Conrad mataria aquelas moças, e... eram tantas as perguntas, eu simplesmente não podia mais pensar no assunto, pois estava a um passo de um ataque dos nervos!

Desfiz o transe, sob o olhar reprovador e curioso da Dra. Clarice, pois era evidente que ela não havia entendido o teor da mensagem. Contudo, eu precisava aliviar a tensão em meu cérebro, pois sabia que estava chegando ao meu limite. Assim, mandei o Sr. Natanael para casa. Ele não deveria lembrar-se de nada do que

havia acontecido enquanto estava em transe, mas ao contrario, tive outra surpresa. Após sair do transe hipnótico, o Sr. Natanael olhou-me nos olhos e disse:

— O Dr. Conrad insiste em que o senhor não deve ir a esse encontro.

Isso era totalmente fora do comum, novamente não pude lidar com a situação, dizendo ao Sr. Natanael que iria pensar no assunto. Assim que ele saiu, cai na poltrona, sentindo uma estonteante dor de cabeça. A Dra. Clarice olhava-me, apenas imaginando que eu deveria estar consciente do conteúdo da mensagem. Pois bem, ela tinha razão.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE

(CONTINUAÇÃO)

10 de junho. Blumenau — Acabo de voltar do consultório do Dr. Artur, e de antemão registro, que se não me encontrasse presente, seria por demais, difícil acreditar em tudo que me relatou o doutor. Mais e mais, estou convencida de que o Anjo Negro se manifesta neste caso.

Respondendo a pergunta feita pelo doutor, sobre a impressão dada pelo Sr. Natanael durante a consulta, adiantei-lhe os seguintes detalhes: normalmente pessoas que se dizem possuídas ou estando sobre alguma influência do além, isto claro quando não estão, e sim pensam estar, agem de forma nervosa, com movimentos involuntários das pálpebras, as mãos não se acomodam de maneira nenhuma e diversos outros sintomas menores. O Sr. Natanael, porém, não apresentou nenhum destes indicadores de fraude consciente ou inconsciente. O que ocorreu, foi justamente o oposto, visto que o paciente mostrou-se totalmente calmo e consciente antes, durante e depois da hipnose. Fato este, que nos espantou de imediato, tendo em vista que tal fato é deveras incomum.

Contrariada, abandonei-o em seu consultório, temendo que o doutor fosse ao encontro de seu amigo. Temo pela segurança de Artur, que Deus o proteja.

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO

(CONTINUAÇÃO)

10 de junho. Blumenau — Faço estas rápidas anotações, para mais tarde completar meu relatório sobre o caso. Hoje mantive vigília incessante ao consultório do Dr. Artur. Sua secretária não apareceu. Com exceção de uma mulher, de um senhor idoso e do próprio doutor, ninguém mais entrou em seu consultório.

Após a saída do velho, saiu a moça. Esperei então uma hora, pois acreditava que o Dr. Artur também sairia. Fato que não aconteceu. Não havendo outra alternativa, resolvi entrar. O doutor ao me ver, pareceu satisfeito, e começou a vomitar os fatos como se estes estivessem lhe provocando uma terrível indigestão. Após o relato, pôs-me à par de seu diário. Minha reação? Choque total, ou estão todos doidos, ou minha mente é realmente limitada.

Depois de um milhão e meio de explicações técnicas e exemplos de diagnósticos parecidos, o doutor confessou-me estar totalmente perdido. Seguem-se então, as seguintes dúvidas:

a) Qual a relação entre Conrad e Natanael?

b) Há algum fator sobrenatural neste caso?

E por fim, que diabos é um Anjo Negro?

Respondendo a primeira pergunta, seria prudente ao meu ver, acreditar que tanto Conrad quanto o Sr. Natanael estão "doidos de pedra". Esta é a ligação. Contudo, a segunda pergunta, ajudaria no padrão, pois as mortes de donzelas sempre tendem a ligar-se há algum tipo de ritual mágico. Quanto a terceira, seria prudente dizer que estão todos loucos, e que eu deveria me trancar em uma segura e confortável cela acolchoada, e esperar o fim do mundo.

Depois das estonteantes revelações do Dr. Artur, cuja mente apresenta sérios sintomas de fadiga, relatou-me sobre o bilhete enviado por Conrad. Enfim algo palpável, algo que minha mente lógica entende bem: uma chance de pegar o assassino.

Com o consentimento do doutor, dei alguns telefonemas e preparamos a armadilha. O Dr. Artur será a isca, e por eliminatória, Conrad, a presa.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

10 de junho. Blumenau — O que relato agora poderá ficar registrado de forma desconexa, pois ainda encontro-me em estado de choque.

Como narrar o que presenciei esta noite? Bem, tentarei ser o mais fiel possível aos fatos ocorridos.

Após relatar tudo ao Inspetor Castelo, foi armado todo um esquema policial para prender Conrad. Tal esquema consistia de dois policiais a paisana do lado de fora, e outros dois do lado de dentro de meu consultório, além de eu mesmo e do inspetor, é claro. Fora isso, o Inspetor Cisco e outros homens esperavam um sinal há algumas quadras dali, caso fosse necessário.

O Inspetor Castelo de hora em hora, observava a rua por uma brecha nas cortinas entreabertas. O clima era de total expectativa. A rua encontrava-se silenciosa, e há muito já havia escurecido. Seria impossível determinar a hora exata em que Conrad apareceu. Rapidamente o

inspetor chamou-me à janela para identificá-lo. Era Conrad, mas havia algo muito errado.

Ele parecia mais alto, bem mais alto que o normal, seu cabelo estava começando a ficar comprido e os ossos da face pareciam querer saltar para fora, dando-lhe o aspecto de uma caveira. Seus dedos pareciam estranhamente longos, trazia à mão, sua maleta médica e escondia os olhos por de trás dos óculos escuros, de lentes pequenas e aros de metal. Se ele estivesse de cartola, poderia confundi-lo com a personagem Dr. Hide, d'O Médico e o Monstro, ou melhor, todos estes aspectos o faziam ironicamente lembrar uma personagem de Edgar Allan Poe. Conrad parecia ter sofrido uma mutação. Rapidamente os dois policiais postos do lado de fora, o interceptaram-no, mas foram derrubados com simples movimentos de braços. Seja lá o que tivesse ocorrido a Conrad, tinha-lhe conferido grande força física.

Um dos policiais ficou estirado no chão, estava visivelmente morto. O segundo investiu novamente. Conrad o segurou pelo pescoço com uma das mãos, e com a outra torceu sua cabeça para trás. Os olhos do policial foram perdendo o brilho lentamente.

Imediatamente o Inspetor Castelo começou a disparar contra Conrad, que permaneceu imóvel junto aos corpos estirados dos dois policiais. Seu sorriso era nada menos que doentio. Enquanto o inspetor ainda disparava, Conrad pôs a mão direita no bolso interno do sobretudo, retirando um pequeno bisturi cirúrgico, levando-o até os lábios. Depois de beijá-lo, Conrad o atirou como se fosse uma pequena adaga. Mais rápido que o arremesso, foram os reflexos do inspetor, cuja velocidade em jogar-se sobre mim, salvou-me a vida. Contudo, a pequena peça de metal rasgou-lhe o ombro direito. Quando voltamos a olhar pela janela, Conrad saltava do chão para um dos muros do outro lado da rua. A distância exata era de oito metros. Nenhum ser humano poderia saltar a metade daquela distância sem impulso, no entanto ele assim o fez, depois desapareceu na escuridão.

Os policiais colocados a algumas quadras dali, apareceram correndo, tendo sido alertados pelos disparos feitos pelo inspetor. Estes se apressaram em socorrer os policiais caídos, mas era tarde demais, pois a violência dos simples golpes de Conrad havia quebrado-lhes os pescoços. O inspetor olhava-me boquiaberto.

— Que *diabos* era aquilo? — perguntou.

— Não tenho certeza... mas acho que era um Anjo Negro!

Esta foi a minha resposta.

DIÁRIO Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

11 de junho. Blumenau — Hoje pela manhã, tomei um susto ao ver um policial em frente do consultório do Dr. Artur. Infelizmente a explicação para tal fato, não me tranqüilizou por completo. Artur não me revelou os detalhes, mas apenas a tentativa de Conrad em atingi-lo com um bisturi. O estado de Artur começa a preocupar-me, e para piorar a situação, como se ela precisasse ser piorada, tudo indica que Conrad quer matá-lo.

A razão pela qual compareci ao consultório de Artur logo pela manhã, foi para apresentar-lhe algumas idéias que formulei. Disse a Artur que o Anjo Negro se aproxima de pessoas com abalos emocionais, por perda de

parentes próximos ou algum outro tipo de sentimento semelhante. O Anjo Negro, assim como outros espíritos desencarnados, aproveitam-se das fraquezas do corpo dos vivos, para induzi-los a fazerem sua vontade, ou até mesmo possuí-los. Eu mesma possuo dezenas de documentos relatando possessões em várias partes do mundo. O Anjo Negro é raro, mas mencionado em algumas delas.

Apresentei todo este material ao doutor, que os estudou com vivo interesse. À medida que ia reconhecendo as assinaturas de alguns dos relatos, como sendo de cientistas de sério caráter, Artur foi confiando mais e mais no que lia. Ele, esperto como é, notou que eu esperava ansiosa que ele terminasse a leitura. Quando terminou, olhou-me nos olhos e disse:

— Vamos, desembucha a sua teoria.

Notei uma melhora em seu humor, Artur é outra pessoa quando está envolvido com o trabalho.

Comecei dizendo-lhe que tinha certeza do envolvimento do Anjo Negro neste caso, e que este mesmo anjo, era e ao mesmo tempo não era o mesmo que

Conrad e Sr. Natanael viam. Artur mostrou-se bastante confuso, por isso apresei-me em explicar:

Em primeiro lugar, deveríamos considerar o envolvimento do Anjo Negro. Em segundo, deveríamos supor que o Sr. Natanael recebeu a visita deste anjo devido ao grande abalo que foi a perda de seu único filho. O mesmo deu-se com o Dr. Conrad por ter perdido a mulher que amava. Até aí está claro. O que complica é como Conrad tornou-se o anjo que o Sr. Natanael vê. Em minha opinião, a descrição do anjo feita pelo Sr. Natanael não pode pertencer a um Anjo Negro. Mas o fato deste anjo ser o Dr. Conrad, possibilita a ligação, já que este via o anjo em sonhos e agora foi confirmado que ele é o assassino das moças, ou seja, possuidor de um comportamento totalmente instintivo de fúria e bestialidade, característico comportamento de pessoa influenciada por um Anjo Negro.

Para que Artur melhor entendesse, tentei colocar tudo de forma mais clara: o Dr. Conrad teve contato com o Anjo Negro, e de alguma forma ambos trocaram de lugar. O Anjo Negro ocupa agora o corpo de Conrad, e este encontra-se descarnado no mundo espiritual. Como o Sr.

Natanael estava suscetível ao aparecimento do anjo, Conrad apareceu-lhe para pedir ajuda, tendo em vista que Conrad deve estar passando maus bocados, num mundo totalmente novo e de percepções totalmente diferentes da nossa realidade.

As mortes das moças, como acredito, e ao que indicam os fatos, tratam-se de algum tipo de ritual, ou oferenda para o Senhor do Anjo Negro, a BESTA! Porém, o assassinato do menino, que foi mencionado pelo jornal, descaracteriza o padrão do ritual. Contudo, Artur explicou-me que o Inspetor Elias Castelo, acredita que o assassino esteja disfarçando o ritual em forma de meros assassinatos, sendo visto assim o assassino, apenas como um doente mental e não como um ritualista satânico, o que diga-se de passagem, é bem mais perigoso.

Sei que tudo isto parece inacreditável, mas acredito que tenha sido o detetive mais famoso do mundo que disse certa vez que, "quando todas as alternativas foram checadas, o que sobrar, mesmo que seja absurdo, deve ser considerado". Quando terminamos, Artur olhava-me assombrado.

— É irreal demais, porém, todas as peças se encaixam.

Isso foi tudo que o doutor disse.

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO

(CONTINUAÇÃO)

10 de junho. Blumenau — Sempre me considerei um homem de bases lógicas e sobre tudo um homem que acredita nos fatos. Para mim, a realidade sempre esteve sólida como o chão em que piso. O que fazer então, quando o chão some sob seus pés? Como posso estar tão calmo, diante destes fatos enlouquecedores? Acho que no fundo, nego-me a acreditar que isso possa realmente estar acontecendo. Tudo tão irreal, como se estivéssemos encenando uma peça, representando papéis imaginados por um sádico. Onde entra Deus nisso tudo? Uma das razões para minha falta de fé, era justamente o fato de abominações desse tipo acontecerem. Mas como aceitar um anjo? Como aceitar um Deus que aceita um anjo assassino? Será tudo obra de Deus ou Ele apenas assiste?

Pessoas morreram. Entre elas, um menino. E o que tenho até agora? Um homem que salta como o diabo; que derruba dois dos meus melhores oficiais como se fossem soldados de cartas. Seria fácil dizer que não aconteceu, que tudo não passou de um pesadelo. Porém, há um corte de três centímetros de profundidade em meu ombro que não me deixa pensar assim. Porque não estou louco? Certamente a loucura seria uma benção.

Há um demônio assassino caminhando pela cidade, brincando com instrumentos cirúrgicos em corpos humanos e em moças e... o que eu posso fazer? Porque Deus não faz nada? Então é assim, estamos entregues aos leões e o Imperador apenas assiste ao espetáculo?

Acho que Deus está brincando conosco...

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

11 de junho. Blumenau — Temo pela saúde mental do Dr. Artur. A meu ver, Artur apresenta todos os sintomas de uma crise nervosa. Sua preocupação demasiada para com Conrad pode condená-lo a um estado gravíssimo. Obviamente Artur sente-se traído pelo colega, e acredito que ele não estava preparado para encarar o fato de que sua ciência, a qual era toda a base de sua vida profissional e de certo modo emocional, ruiu perante os fatos sobrenaturais inerentes ao caso em questão. Como se isso já não bastasse, Conrad deixou bem claro sua intenção de matá-lo. Mas não sei o que se passa em sua mente.

Espero que ele consiga controlar-se antes que chegue ao limite.

A duras penas, e por insistência dele próprio, deixei-o sozinho em seu consultório. Amanhã irei vê-lo. Neste meio tempo, espero que Deus o proteja.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

11 de junho. Blumenau — E mais essa agora! Tenho que manter a calma, relatarei tudo detalhadamente para que minha mente trabalhe de maneira lógica, e em consequência disso, pare de me atormentar com seus devaneios. Assim que a Dra. Clarice saiu de meu consultório, parti rumo a casa do Sr. Natanael, pois agora, sendo obrigado a acreditar que Conrad está presente em espírito a seu lado, não poderia deixar de tentar comunicar-me com ele.

Como descrever o pânico que turvou minha mente ao ver as autoridades policiais isolando a residência do Sr. Natanael? Não seria loucura dizer que estávamos travando

uma batalha desigual e totalmente desumana com as forças negativas que nos cercam.

O Inspetor Castelo, que se encontrava no comando das investigações, ao ver-me, apressou-se em tirar-me da multidão de curiosos que cercavam a velha casa. O inspetor pegou-me pelo braço, levando-me para a varanda da casa. O detetive arrastou-me como um boneco, e era exatamente assim que estava me sentindo.

— Aconselho-o a não entrar — a voz do inspetor de tão forte, quase fez explodir meus ouvidos.

— Bisturi cirúrgico? — isto foi tudo que consegui perguntar, tamanho era o estado de choque em que me encontrava.

— Não importa.

Era evidente que ele estava tentando me poupar. Neste instante, ao que vagamente recordo, minhas pernas amoleceram e só não desabei por completo devido à intervenção do Inspetor Castelo. Este me acomodou em um dos velhos bancos da varanda desbotada.

A compostura desabou no mesmo ritmo das lágrimas. Assim fiquei, até que a multidão foi dispersando-se e a polícia abandonou o local. O inspetor

trouxe-me para casa, insistiu em subir e preparou-me um chá. Nós nos sentamos e começamos a conversar.

— Como aconteceu? — perguntei em meio a fumaça do chá.

— Não lhe fará nada bem saber.

— Não importa, preciso saber como foi que perdi a última chance de falar com meu amigo.

O inspetor teve um susto. Não tive cabeça para explicar-lhe, apenas insisti para que contasse o ocorrido. Ele concordou, mas antes me fez prometer que lhe explicaria tudo assim que fosse possível, como eu concordei, ele começou:

— Há algumas horas recebemos um telefonema dos vizinhos do Sr. Borges, pois estes haviam ouvido barulhos durante a noite, mas como os barulhos pararam, eles acharam melhor esperar o outro dia para saberem o que havia se passado. O vizinho, o qual não me recordo agora o nome, resolveu arrombar a porta da frente, pois o tapete da entrada estava banhado em sangue.

Elias parou por alguns instantes, olhava atentamente para o chá em sua caneca. Parecia estar assistindo na água escura, um compacto do iria relatar:

— O Sr. e a Sra. Borges, foram encontrados mortos sem nenhum sinal aparente a primeira vista. Quando o tal vizinho começou a examiná-los para saber o que estava acontecendo, notou manchas de sangue na altura do peito de ambos. O desgraçado abriu os dois e removeu seus corações. Depois colocou um crucifixo invertido no lugar do coração de cada um... depois os costurou e os vestiu, colocando os dois à mesa de jantar. Para completar a cena, coberto com uma toalha de mesa, o assassino colocou os corações cada qual em um prato e cada prato à frente de uma das vítimas... Os corações haviam sido mordidos, os pedaços arrancados foram encontrados dentro da boca de cada uma das vítimas... Confesso que nunca vi nada igual, e nem ouvi falar. Acho que estamos lidando com o próprio demônio.

Ambos permanecemos em profundo silêncio, até que o inspetor saiu, explicando que deveria providenciar alguns relatórios, mas que voltaria amanhã bem cedo, e que deixaria dois de seus homens guardando a frente de minha casa. Assim que ele saiu, coloquei o chá de lado e me servi de uma dose bem reforçada de conhaque. Em seguida comecei a escrever isto, na esperança de que o

cansaço me dominasse e levasse-me ao sono, porém isso não esta fazendo efeito algum. Tentarei dormir assim mesmo, na esperança de que minha mente se alivie destas preocupações.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

12 de junho. Blumenau — Hoje almocei com o Dr. Artur, e além de transmitir-me a terrível notícia sobre o Sr. Natanael e sua esposa, mostrou-se profundamente abalado com a possibilidade de ter perdido para sempre seu amigo Conrad. Contudo, em certo momento de nossa conversa, Artur estava sorrindo. Um sorriso pontilhado de certeza, longe de parecer uma leve esperança. Diria que algo lhe aconteceu. O que será que o doutor está me escondendo?

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

12 de junho. Blumenau — Como eu gostaria de poder contar a Clarice o que aconteceu comigo durante a noite que passou. Porém fui alertado que se ela nada souber, será melhor para sua própria segurança. Como relatar algo tão incrível? Bem, tentarei ser o mais detalhista possível.

Quando me deitei ontem à noite, demorei a pegar no sono, mas assim que isto ocorreu, a visão não tardou a aparecer. Era Conrad, parado ao lado de minha cama. As longas asas brancas quase chegavam ao forro de meu apartamento.

— Levanta-te um momento amigo Artur — era a voz de Conrad.

— Deus — exclamei. — Como é possível?

— Apenas é! O resto também desconheço.

— Conrad o que aconteceu?

— Não sei ao certo, apenas sei que estou aqui e aquele monstro lá... matando...

Conrad estava sério, com o semblante duro, fechado em dor, e as lágrimas rolavam pela face.

— Tudo começou com Lara... a dor que eu sentia por ela trouxe-me o Anjo...

— Calma amigo...

— Não temos tempo — começou ele, — temos que deter aquele monstro, mas antes devo advertir que ele a partir de agora sabe o que eu sei, por isso tu não debes me dizer nada que possa ajudá-lo. Foi assim que ele encontrou Natanael, Por isso tu não debes contar de nossa conversa a ninguém, nem aquela tua amiga, estou sendo claro?

Eu fiz que sim com a cabeça, instintivamente tentei tocar-lhe o braço, porém minha mão o atravessou como atravessaria uma nuvem de fumaça. Conrad notou meu gesto, e franziu a face horrorizado...

— Também devo advertir-lhe de que, agora que minha mente e a do assassino estão em contato uma com a outra, tu passarás a ver coisas que te trarão muito sofrer. Quando consegui contato com Natanael, ele havia me esquecido, mas quando percebeu que confabulávamos contra ele, sua atenção voltou-se para mim, e foi através de mim que ele encontrou e matou Natanael, sei que estou

pondo tua vida em risco, e isto me pesa no coração, porém, preciso de tua ajuda para deter essa aberração que um dia veio do céu.

— O que faremos?

— Primeiro eu tenho quer tentar entrar em contato com aquele verme, para que eu possa ler sua mente, assim como ele faz com a minha.

Neste momento, a imagem de Conrad ficou turva e começou a se desfazer.

— Acabou o tempo, não tenho forças para ficar visível mais do que alguns minutos, mas procurarei estar sempre junto a ti...

E desapareceu.

O que posso dizer? É tudo tão incrível e assustador. Realmente eu gostaria de poder contar isso a Clarice, mas não seria prudente de minha parte. Talvez deva procurar o Inspetor Castelo, mas antes de mais nada, vou meditar sobre estes acontecimentos.

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO
(CONTINUAÇÃO)

12 de junho. Blumenau — A cada novo acontecimento, convenço-me de que está na hora de me aposentar. Em conversa com o Dr. Artur a pouco, este revelou-me sua "visão" do Dr. Conrad. Sou forçado a acreditar em tais revelações, pois as evidências apresentadas por ele e pela sua colega, a Dra. Clarice, fecham as brechas deixadas pelas minhas próprias suposições.

Esta maldita criatura está montando o seu circo de horrores em minha cidade, mas o que posso fazer? A cidade está em pânico e o prefeito quer a minha cabeça em uma bandeja. Montei um esquema de rondas por toda a

cidade. Não há mais oficiais disponíveis, todos estão, de uma forma ou de outra, ajudando a tornar as ruas mais seguras. Foi dado um alerta geral a população, dizendo que as ruas não são mais seguras, que suas portas devem ser trancadas ao anoitecer, mas acredito que uma porta trancada não deteria aquela criatura.

Desde que tudo começou, não há mais moças nas ruas, a população se trancafiou em suas casas, os estabelecimentos noturnos estão a ponto de fecharem, tudo por causa deste demônio em forma de homem. Como enfrentar um anjo? Como matar algo que eu nem sei se está vivo? O Dr. Artur disse temer revelar suas visões a Dra. Clarice, e neste ponto ele tem razão, mas acredito que necessitaremos de seus conhecimentos para traçar nossos planos. Marcarei com ambos uma reunião, assim que possível. Até lá, espero que aquele demônio fique em sua toca.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

12 de junho. Madrugada — Que Deus tenha piedade de minha alma, pois acho que estou louco. Conrad alertou-me sobre o fato de que eu poderia ver coisas, mas é difícil ficar tranqüilo quando você percebe demônios te rodeando. Tudo começou com as vozes.

Logo que deixei o Inspetor Castelo, comecei a ouvir um zunido no ouvido esquerdo, esse som era fraco e não freqüente. Com o passar do dia, este som foi se tornando mais claro e alto, revelando-se como um emaranhado de vozes que gritavam, riam e blasfemavam, tudo ao mesmo tempo.

Pude identificar três ou quatro vozes distintas. Uma delas era de mulher, e me pedia para que eu me masturbasse a fim de satisfazê-la. Uma das outras vozes me alertava para que eu não dormisse, pois se isto acontecesse ela (a voz), me sufocaria durante o sono. As demais gritavam coisas incompreensíveis, em uma língua que acredito ser uma espécie de hebraico antigo.

Passei o dia trancado em meu quarto, a um passo da loucura. Depois de algumas horas tentando sem sucesso isolar as vozes, descobri que quando mantinha minha mente ocupada, as vozes cessavam. Assim, mais que depressa, comecei a fazer cálculos matemáticos em um pedaço de papel. Obtive sucesso, pois as vozes desapareceram.

Em um determinado momento, experimentei parar com as contas, para verificar se as vozes voltariam, imediatamente no momento em que desviei minha atenção das contas, elas retornaram. Estavam enraivecidas pelo fato de eu as abandonar. Ofendiam, praguejavam e até me ameaçavam. Uma delas disse que agora eram apenas vozes, mas logo eu veria seus rostos e mais tarde sentiria suas garras.

Imediatamente voltei-me para os cálculos. Passei o dia inteiro a resolver incessantemente equações e problemas de diversos tipos. Parei apenas para verificar se ao manter minha mente ocupada em escrever este diário, também poderia deixar as vozes de lado. Parece que consegui. Escrevo rapidamente evitando quaisquer distrações, mas inevitavelmente terei de voltar para os

cálculos. Até onde parei, já havia quase preenchido um caderno de cinquenta folhas.

Tenho medo de dormir, se tudo continuar assim, chamarei o inspetor e a Dra. Clarice para me ajudarem, pois mantendo minha mente ocupada, eu não ouço as vozes, mas também não poderei ouvir Conrad, ou seja, em breve terei de abrir minha mente para quaisquer espíritos, independente das intenções deles para comigo. Que Deus me ajude!

DIÁRIO DA Dra. CLARICE

(CONTINUAÇÃO)

12 de junho. Madrugada — Há algumas horas o Inspetor Elias Castelo ligou-me, pedindo para que eu fosse imediatamente para casa de Artur. Quando lá chequei, o inspetor revelou-me o que estava se passando.

Eu encontrei Artur histérico e dizendo coisas sem sentido. Dei-lhe um sedativo fortíssimo e coloquei-o para dormir. Depois e com calma, o inspetor explicou-me tudo.

O Inspetor Castelo queria respostas que eu não tinha, pois não há realmente provas sobre isso, e sim relatos comprovados, que muitas vezes não atingem a qualidade de provas propriamente ditas. Tudo o que pude afirmar é que era uma possibilidade.

— A filosofia não é uma merda? — foi a resposta do inspetor.

Apesar de acreditar firmemente no envolvimento do Anjo Negro, como posso ter certeza de que Artur não está tendo uma crise nervosa, sendo guiado por uma mente sugestionada pelos incríveis acontecimentos que ocorreram? Terei de examiná-lo mais detalhadamente, pois não posso simplesmente apostar com a sorte. Artur estava apresentando vários sintomas de um esgotamento nervoso, de forma alguma posso deixar de considerar tais fatos.

13 de junho. Manhã — Artur acordou assustado e suando frio. Queixou-se de um pouco de dor de cabeça. Seu sono foi conturbado, por diversos momentos tive de segurar sua mão a fim de acalmá-lo. Logo que o estado de sonolência passou, ele começou a fazer novamente seus cálculos com o intuito de afastar as vozes que o

perseguiam. Vou deixá-lo sob os cuidados de um policial que mantém vigília constante dentro do quarto. O Inspetor Castelo voltara na hora do almoço para saber como Artur se encontra. Por hora, tentarei dormir um pouco.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

13 de junho. Manhã — Parei meus cálculos para escrever no diário, espero que consiga concentrar-me o suficiente. Como havia um policial dentro do quarto, pensei que estaria seguro, mas quando me desviei das contas por um momento, vi uma mulher quase sem pele correr de um extremo do quarto para o outro. Busquei-a com o canto dos olhos, mas ela havia sumido. Sem o menor aviso, ela apareceu de lugar nenhum e atingiu-me com o que parecia ser um pedaço de osso, um fêmur humano.

O policial insiste que não a viu, porém não sabe explicar o corte em minha testa. A Dra. Clarice providenciou um curativo, seu espanto só era menor que o

meu. Após este acontecimento, uma pergunta se faz em minha mente: como poderei falar com Conrad se estes cães do inferno não me deixam em paz? Caso me distraia por um único momento, as alucinações surgem de todas as formas e em todos os lugares. Por exemplo, enquanto a Dra. Clarice fazia-me o curativo na testa, eu prosseguia com meus cálculos. Em um determinado momento, quando ela fechava o corte, senti uma dor aguda, o que me fez esquecer as contas. Nesse instante, vi um movimento sob a pele do braço da doutora, de súbito a pele rasgou-se e de dentro, pequenos vermes saíam. Fechei meus olhos e comecei a fazer pequenas contas de cabeça. Quando abri os olhos novamente a visão havia sumido. O braço da doutora estava normal, sem nenhum sinal de ferimento. Sei que preciso falar com Conrad, mas será que conseguirei isso sem antes ficar louco?

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO

(CONTINUAÇÃO)

13 de junho. Meio dia — Não consigo parar de pensar em Artur. Pobre rapaz! Seu estado é lamentável e,

no entanto, não há nada que eu possa fazer. Preciso descobrir onde o assassino se esconde. Os ataques ocorreram todos durante a noite e em lugares diferentes da cidade. Por mais que eu tente, não consigo imaginar onde essa criatura esteja escondida (*é como se ele voa-se*). Será que ela come? Será que ela dorme? Sei que o trabalho de um detetive é, muitas vezes, feito de coisas intangíveis, mas acho que este caso passou dos limites.

(*Ele voa?*)

Ontem fui visitar a mãe do menino assassinado. Apesar do que eu disse, ela pode ver o fracasso estampado em meu rosto. Não sei o que fazer. Será que eu devo aprender a rezar?

(*Será que voa?*)

Durante a vida inteira a gente vê as pessoas morrerem, achamos que faz parte, nos convencemos de que é natural. Como algo natural pode doer tanto? Como pode ser natural uma mãe enterrar um filho? Como pode ser natural enterrar um filho que foi aberto dos pés à cabeça? Será que Deus não vê este *anjo* assassino brincado com os órgãos internos de uma criança? Será que este *anjo* também tem a mesma liberdade de escolha que

nós temos? Perguntas! Quantas mais até que isso tudo termine?

(Por Deus, será que ele pode voar?)

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

13 de junho. Três da tarde — A pouco, pude ter uma conversa com o Inspetor Castelo. Desde o primeiro momento que o vi, julguei-o como um homem forte, inabalável, porém não há alguém assim, forte a todo instante. O inspetor perguntou-me sobre Artur. Disse-lhe que estava dormindo, infelizmente tive que drogá-lo para isso.

— Isso tem que parar — desabafou o inspetor.

— Sim, eu sei.

— Sabe doutora, eu tenho uma filha. É uma linda moça, pode apostar. Ela não está aqui, estuda fora. Sabe, acho que eu morreria se algo acontecesse com ela. Eu...

não pude ir ao enterro do Sr. Borges e de sua esposa, pois as rondas ocupam agora todo o meu tempo, e não é fácil dirigir todos estes homens, dizendo-lhes para caçar algo que descrevo como "aquilo". E isto também não é fácil. Eles olham para mim como se estivessem duvidando de minha sanidade e, em muitos momentos acho que também chego a duvidar. Mas deixe-me falar de minha filha. Bem, é por ela que luto, sabe. É por ela que levanto todas as manhãs e enfrento o dia que o tal Deus preparou para mim. E vejo muita coisa nesses dias que deixaria qualquer um maluco, pode apostar! E... é tudo errado, tudo estranho. Tudo poderia ser tão simples, não é mesmo? Mas o importante é que cheguei a uma conclusão. Sabe, acho que já fui a enterros demais... A senhorita me entende?

Eu fiz que sim com a cabeça e o inspetor tentou sorrir apesar de tudo. Eu apertei-lhe a mão e ele levantou-se tentando esconder sem sucesso uma lágrima no canto olho. Disse-me que voltaria assim que fosse possível, que era melhor deixar Artur descansar. Ele está certo, pois ao que parece, Artur será a nossa única chance de encontrar essa criatura.

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO

(CONTINUAÇÃO)

13 de junho. Tarde — Encontramos mais uma moça. Como as demais, também apresentava diversas mutilações. O coração também foi removido e em seu lugar fora posto um crucifixo invertido, porém, havia algo diferente: os pontos que costuravam o tórax, formavam uma palavra: *Artur*.

É evidente a intenção do "demônio saltador". Contudo, será necessário esconder este detalhe mórbido da imprensa, pois Artur poderia sofrer represálias, e sendo totalmente inocente, como sei que é, isso não lhe traria bem algum, tendo em vista seu estado atual.

As rondas continuam, especialmente nos locais próximos de onde o último corpo fora encontrado, pois com as rondas cercando toda a cidade, é lógico supor que o assassino procurou não se afastar demais de seu esconderijo. Sei que é uma hipótese um tanto vaga, mas é tudo o que tenho no momento. Estamos revirando cada beco, cada esgoto, cada buraco escuro desta cidade torta,

mas acho que esse desgraçado está se escondendo no inferno.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

13 de junho. Noite — Artur continua na mesma: dorme dopado, acorda e entrega-se aos cálculos ou a escrita de seu diário. Acho que está na hora de chamar um especialista.

**CARTA DA Dra. CLARICE AO Prof. JEAN-LUC
DUBOIS**

13 de junho, Blumenau.

Caro amigo e mestre:

Infelizmente o motivo pelo qual lhe escrevo é um tanto desagradável, mas acredito que lhe interessará por demais os detalhes inerentes ao caso.

Sei que o Senhor encontra-se no Brasil já há algumas semanas, pois recebi o convite para sua palestra passada, e aproveito para desculpar-me.

Estou certa de que entenderá o motivo quando lhe falar sobre meu amigo e de certa forma, agora paciente, Dr. Artur. Seria muita pretensão minha tentar explicar-lhe tudo o que ocorre em uma simples correspondência, mas acrescento-lhe de que não se arrependerá. Venha depressa, pois tenho por certo o envolvimento de um Anjo Negro neste caso.

Atenciosamente

Dra. CLARICE FERRAZ

**TELEGRAMA DO Prof. J. L. DUBOIS A Dra.
CLARICE**

Rio de Janeiro, 18 de junho.

Ñ TE AFLIJAS VG

Ñ TARDERAEI
PT SAUDAÇÕES

DUBOIS.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

19 de junho. Blumenau — Hoje, acabei de receber um telegrama do Prof. Dubois, e alegra-me saber que ainda posso contar com esta incrível pessoa.

Infelizmente, durante esse meio tempo, nada mudou, a não ser o estado de Artur. As alucinações tornaram-se piores, e em parte por descuidos de nossa parte. Artur com a mente cansada de tantos cálculos e de somente dormir anestesiado, acabou cedendo ao cansaço. Isto ocorreu quando eu estava dormindo, e o policial de guarda estava fazendo um pequeno lanche. Artur estava sozinho com seus cálculos e em um determinado momento

adormeceu. Nós o encontramos caído com vários hematomas por todo o corpo.

Desde então, Artur se recusa a deixar os cálculos matemáticos, tivemos até que dopá-lo à força, para que não sofresse um esgotamento nervoso. O conteúdo das visões, infelizmente só o próprio e atormentado doutor conhece.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR (CONTINUAÇÃO)

19 de junho. Blumenau — Passei dias sem escrever, ocupando minha mente com vários cálculos matemáticos, afim de afastar os demônios que me visitam. Como gostaria de poder dizer que estou lúcido. Infelizmente acho que não estou, pois agora minha certeza é filha do medo. Sou a cria do pavor e da maldição. Só sei que estou vivo porque sinto medo.

Quando encontro-me fazendo cálculos e distraio-me por alguns instantes, vejo os números transformando-se em pequenos vermes, que saltam da folha e me devoram a

face. Noutro dia, pude jurar que vi a imagem de Jesus, dum crucifixo preso na parede de meu quarto, saltar e correr para debaixo de minha cama.

O terror total se apoderou de mim no dia em que fiquei sozinho a fazer cálculos e adormeci sem ajuda do remédio. O que vi causou-me grande preocupação e muitos ferimentos. Assim que cai no sono, senti um cheiro de coisa podre dentro do quarto. Quando abri os olhos, vi uma moça, uma adolescente nua, que seria bela se não fosse as partes do corpo abertas e os ossos e órgãos expostos. Ela disse-me:

— *Não queremos o porco francês aqui!*

— Quem é você? E quem seria este francês? — perguntei.

— *Duuboooissssss!* — respondeu ela, sibilando como uma cobra, babando e odiando cada sílaba que pronunciava.

Evidente que se tratava de um sobrenome francês. Quem seria Dubois?

— Quem é você? — perguntei novamente.

— *Sou a filha do Inspetor Castelo* — disse, e gargalhou como um demônio!

Meu coração acelerou, pois foi como se eu soubesse que a alucinação iria se tornar violenta. Neste momento a cadeira em que me encontrava sentado ganhou vida, e seus braços de madeira me abraçaram, impedindo que eu me levantasse. Do acento e do encosto, brotaram espinhos que me cortaram em várias partes do corpo, sobretudo nas costas. Eu estava indefeso. Foi quando a moça que se disse filha do Inspetor Elias, avançou sobre mim.

Ela debruçou-se sobre mim, e eu pude sentir o calor de sua respiração. Era uma respiração grotesca como a de um dragão, respirava com dificuldade e com ruídos, como se houvessem pedras em seus pulmões. Neste momento ela lambeu-me o rosto, e lambeu-me o pescoço. Ela sorria e gemia, e pude sentir suas mãos descarnadas apalpando-me, e quando senti que ela tentava abrir-me o zíper da calça, gritei. Assim, ela começou a me esmurrar o rosto.

— *Não sou bonita o bastante pra você desgraçado?* — gritou com ódio. — *Você não me quer, não quer fazer comigo? Desgraçado!*

Ela me batia e cuspiam em mim! Lembro-me então de estar sendo carregado para cama, pela Dra. Clarice e pelo policial de guarda.

Agora, enquanto escrevo, fico a meditar sobre as respostas dadas pela criatura. Será que o Inspetor Elias tem uma filha? E se tiver, ela está morta? E quem será Dubois? E o que ele virá fazer aqui, para que os espíritos o odeiem tanto? Acho que devo conversar com a Dra. Clarice a esse respeito.

CARTA DO Sr. LUTÉRO AMARAL AO INSPETOR ELIAS CASTELO

Rio de Janeiro, 14 de junho.

Prezado Senhor:

É nosso dever informar que vossa filha desapareceu das dependências deste colégio.

Em primeiro momento, pensamos tratar-se das rotineiras fugas de sua filha rebelde, mas desta vez,

encontramos em seu quarto, todos os seus pertences, inclusive dinheiro e documentos.

Chamamos a polícia, mas não foram encontradas pistas de seu misterioso desaparecimento.

Eu particularmente acredito, que deva tratar-se de uma das muitas tentativas de sua filha, para chamar atenção.

Cumpro com esta, o meu dever.

LUTÉRO AMARAL
ORIENTADOR EDUCACIONAL.

**CARTA DO TENETE CASTELO AO Sr. LUTÉRO
AMARAL**

Encontro-me preso em Blumenau por motivo de trabalho. Caso minha filha não apareça, irei pessoalmente lhe esmurrar a fuça! Seu cretino engravatado!

TENETE ELIAS CASTELO
PAI DA GURIA REBELDE.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR
(CONTINUAÇÃO)

3 de julho. Blumenau — Meu estado é lamentável, e sim, eu tenho consciência disto. Contudo, este não é o motivo pelo qual estou escrevendo.

Qual não foi a minha surpresa, ao saber que o homem que me examinou hoje pela manhã, chamava-se Dubois.

Trata-se de um médium ou orientador espiritual, não sei eu em que referências, mas a Dra. Clarice o chama de mestre. Mas de fato, o que importa é que meus demônios o temem. Em seguida, lembrei-me da moça que se dizia filha do Inspetor Castelo. A Dra. Clarice disse-me, que a última notícia dada pelo inspetor, é a de que iria

se afastar da cidade por motivos pessoais, mas que voltaria assim que possível. O caso estava agora, nas mãos inexperientes do Inspetor Cisco.

Assim que Dubois começou a falar, pude perceber a sua sabedoria.

— Olá Artur — disse cordialmente.

— Olá! Eles sabiam que o senhor viria — a doutora, ao ouvir isto, espantou-se.

— Sim eu sei — disse ele.

— Sabe? — eu estava totalmente impressionado.

— Sabe como?

— Isso não importa — ele sempre respondia com a calma de um monge.

— Você pode me ajudar?

— Talvez, mas isso dependerá mais de você do que de mim. Não se trata de possessão e sim de influência indireta. Parece-me que seu amigo Conrad não tinha noção do mal que estava fazendo quando deixou as portas abertas.

Era incrível, ele falava por meio de associações de coisas comuns, e, no entanto, pude compreender tudo nitidamente.

— O único que pode afastar as visões é você mesmo.

— Como?

— Imagine que estes espíritos sempre estiveram por aí. Acontece que seu cérebro não os captava. Porém, Conrad serviu de condutor destas imagens, levando-as diretamente ao seu cérebro. A partir deste momento, sua mente tomou conhecimento destes espíritos, sendo agora impossível de não serem percebidos. Conrad está em um lugar diferente, e há regras a serem respeitadas, regras estas, que mantém toda a estrutura dos universos de matéria e de espírito. Sem estas regras, tudo seria Caos. A Ordem seria desmantelada, e possivelmente a vida como conhecemos acabaria.

— A Ordem é Deus? — perguntei.

— De certa forma, assim como o Caos também é.

— Não compreendo?

— Não é para ser compreendido e sim respeitado.

— Está querendo me dizer que o mal é necessário?

— Em parte. Veja por exemplo um grande líder, ele é feito de duas metades: o lado bom e o lado mau. Caso fosse totalmente bom, não teria pulso para ser firme

e justo, se fosse todo mau, não seria um líder e sim um tirano. O equilíbrio é atingido através da evolução espiritual, através da meditação, do diálogo e do raciocínio. Veja você mesmo: desde que cheguei você parou de fazer cálculos, estamos conversando de forma consciente e ao mesmo tempo, despreocupadamente, sem que as visões tenham se manifestado uma única vez.

Era totalmente impressionante! Sem sombra de dúvidas tratava-se de um Mestre. A simplicidade e a sabedoria transbordavam-lhe pelos poros.

— E o assassino? — perguntei.

— Primeiro vamos cuidar de você, depois cuidaremos do resto.

Depois de muito tempo, foi bom sentir esperança novamente.

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CISCO

3 de julho. Blumenau — Como são confusos os relatórios do inspetor. Todos estes relatórios, falam por

rodeios, deixando sempre algo no ar. Gostaria de poder ler suas anotações pessoais. Não é a toa que todos no departamento querem sua cabeça. Sei que se trata de um caso extremamente extraordinário, envolvendo assuntos sobrenaturais, mas até que ponto podemos confiar em um médico louco?

Estas malditas rondas não nos levaram a lugar algum. Acho pouco provável que haja um espírito no corpo do Dr. Conrad. Provavelmente trata-se de um médico mais louco que o outro, que dopou-se, adquirindo assim, a força para derrubar aqueles policiais e saltar para os telhados. Já ouvi falar sobre pessoas dopadas que apresentam força descomunal. Anjo uma ova!

Entretanto, sei que Conrad pretende matar Artur. Darei a ele essa chance, mas estarei pronto para agarrá-lo assim que aparecer. Mandarei retirar os policiais que guardam a casa de Artur, e manteremos vigília incessante, a uma distância segura é claro, para que, assim que Conrad surgir, seja preso por mim. Vou mostrar ao inspetor, como um policial de verdade age.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE

(CONTINUAÇÃO)

4 de julho. Blumenau — É reconfortante saber que temos o Prof. Dubois por perto. Contudo, há coisas que me intrigam. Os policiais que vinham mantendo a guarda da casa de Artur, aparentemente foram dispensados de suas funções. É obvio que o Cisco pretende alguma coisa, espero que o Inspetor Castelo não se demore, mas se as visões de Artur estiverem certas, talvez o inspetor não tenha mais condições de nos ajudar.

Dubois e Artur passaram toda a manhã conversando. Artur está aprendendo a meditar para tentar controlar suas visões. Estamos os três enfiados neste apartamento, mas tenho medo de sair. Tenho medo de que o Anjo Negro apareça. Só de imaginar o que aconteceu com o Sr. Natanael e sua esposa, tenho vontade de gritar! Espero que possamos deter esse demônio.

7 de julho — Tudo continua na mesma. Nenhuma notícia do inspetor. Sei que as buscas continuam, mas tenho medo de termos ficado sem proteção. Artur e

Dubois passam os dias juntos, sempre conversando e meditando. Artur já consegue se controlar, não necessita mais dos cálculos. Logo tentará entrar em contato com Conrad. Espero que ele suporte esta "viagem".

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

7 de julho. Blumenau — Passei todo o dia de hoje em conversa com o Professor Dubois. Cada vez mais estou convencido de que estou em boas mãos. Mas no entanto, estou totalmente assustado com o que ocorreu no final da tarde. Ultimamente tenho me encontrado sempre cansado e dormindo mal, com ajuda de calmantes e outros. Devido a este cansaço e na esperança de minha mente estar pronta, resolvi dormir sem qualquer ajuda externa. Quando me encontrava no pré-sono, comecei a ouvir vozes. Mantive-me tranqüilo, tentando não perder minha concentração. Em um determinado momento, no qual as vozes estavam a ponto de me enlouquecer, fiz uma prece, como me ensinou o professor. Senti-me mais leve e estava quase me

entregando ao sono. Explicou-me o professor, que no estado em que me encontro, eu poderia pedir ajuda a espíritos superiores, pois havia sido estabelecido um canal. Alguns momentos depois de ter feito a prece, comecei a ouvir uma voz, que me dizia que tudo estava bem, que eu não precisava me preocupar, pois tudo daria certo.

— *Relaxe, sinta seu corpo flutuar* — disse-me a voz. — *Flutue, venha, você está seguro agora.*

Comecei a sentir, então, a sensação descrita por muitas pessoas, como a de sair do próprio corpo. Eu estava maravilhado com a paz e segurança que sentia. De repente, lembrei-me que o professor disse que eu ainda não me encontrava pronto para tal experiência. Mais que rapidamente fiz força para parar o processo, e senti o peso de minha existência. Neste instante ouvi novamente a voz:

— *Quase! Foi por pouco, mais um momento e seu corpo seria meu!* — seguiu-se uma gargalhada.

Levantei-me correndo para fora do quarto. Na sala, encontrei o professor e a Dra. Clarice conversando. Eu estava banhado em suor. O pânico havia me dominado e isso era tudo o que eu não precisava. Neste maldito

momento, comecei a ver insetos por todos os lados da casa. Eram milhões, cobriam as paredes e o chão.

— Está tudo bem Artur? — perguntou a doutora, e uma onda de insetos vazou por sua boca.

— Não estão vendo os insetos!!

Eu gritava enquanto lutava para me livrar das pequenas criaturas que subiam em mim. Clarice não sabia o que fazer, foi Dubois que agiu. Ele se levantou com sua calma habitual e caminhou até mim. Tocou em minha testa e, acredito que tenha me hipnotizado, pois quando dei por mim, estava deitado em minha cama. Dubois, sentado ao lado, olhava-me com paciência.

— As primeiras viagens, são as piores — ele sorria.

— Se não se importa, prefiro ficar com os pés no chão.

— Não pense assim. Os primeiros contatos sempre são negativos, mas estes seres só o afetarão se você deixar. Nunca se deixe enganar, os espíritos malévolos são fáceis de serem reconhecidos. Eles se contradizem, se insinuam. Um espírito bom jamais vai tentar convencer você de nada, ele simplesmente se apresenta, ensina, e o resto é

com você. Nunca se deixe levar pela beleza das imagens, ou pela melodia das vozes, esqueça a embalagem e concentre-se no conteúdo, pois não é à toa que se diz que "o diabo mora nos detalhes". Não confie nem mesmo na luz, pois tudo pode não passar de um truque.

— Sempre pensei que a luz fosse boa.

— Em parte, ou você já se esqueceu do que eu disse, nada é totalmente bom ou totalmente mau, só o equilíbrio do bem e do mal é bom, a estrutura do universo é o equilíbrio de forças positivas e negativas, o resto é desequilíbrio, é Caos total — disse Dubois, assumindo um tom mais sério.

— E quanto à luz, diga-me, você sabe o que significa a palavra Lúcifer? — perguntou.

— O portador da luz.

— E do que o universo é feito?

— De energia.

— E qual é o tipo mais comum de energia?

— Luz!!!*

* Nota: Relação entre Lúcifer e energias que compõem o universo de Willian Peter Blatty do livro: LEGION - DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVISOS DE IMPRENSA S.A. Rio de Janeiro, RJ. 1983

— Exatamente, Jesus disse: "Este é o mundo das trevas. As trevas reinam aqui. Este mundo é como uma ponte. Passai por ela mas não te instales. Deixeis para se instalar do outro lado da ponte, noutro mundo. No reino de meu Pai."

— Meu Deus, eles nos colocam numa roda-viva!
— exclamei.

— Agora você esta começando a entender.

Apesar de o professor ter dito que eu começava a entender, eu tinha sérias dúvidas quanto a isto.

**CARTA DO INSPETOR CASTELO A Dra.
CLARICE**

Blumenau, 06 de julho.

Doutora, espero que compreenda o porque de estar lhe escrevendo e não à minha esposa. Como poderia fazê-lo? Acabo de descobrir que o braço do assassino é longo demais. Ele pode alcançar os inocentes. Eu sabia disto, mas como poderia imaginar que minha filha seria a escolhida? Demorarei mais alguns dias, estou providenciando o transporte do corpo de minha filha...

Permita que eu desabafe... talvez isso me ajude a não enlouquecer. O que há de errado com este mundo,

onde pais enterram filhos? Isso não pode ser natural. Todos dizem que faz parte, que é natural. Pois eu digo que este mundo não é natural. Este mundo no qual vivemos é uma aberração! Tudo é dor!

O assassino, o anjo, mandou-nos um recado, um recado escrito com o sangue de minha filha... Ele diz que vai nos vencer. Eu digo que vou levá-lo de volta pro inferno, nem que tenha de ir junto para fazê-lo! Desculpe-me, acho que estou enlouquecendo... acho que já fui a enterros demais! Enterros demais...

Voltarei assim que puder,

ELIAS CASTELO.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE
(CONTINUAÇÃO)

8 de julho. Blumenau — Com que espécie de demônio estamos lidando? Será que a maldade desta criatura não tem limites? Pobre inspetor, gostaria de alguma forma poder ajudá-lo. Quanto a nós, continuamos

na mesma. Esta expectativa gera uma angústia desesperada.

Tenho a sensação de que algo terrível nos aguarda. Toda esta espera, está nos matando aos poucos. Felizmente Artur está mais animado agora, ele passa os dias meditando e em conversa com o professor. Não consigo deixar de sentir uma ponta de ciúmes. Como gostaria de ter a antiga paz de volta.

10 de julho. Blumenau — O que eu temia aconteceu. Tudo se deu na noite passada, quando estava para me deitar. Havia deixado Artur e o professor conversando na sala, preparando-me para dormir no quarto de hóspedes, quando ouvi um barulho do lado de fora. Seguindo o barulho, a janela se estilhaçou em milhões de pedaços.

Abrindo caminho entre os cacos e a cortina, estava o Anjo Negro, sorrindo em um rosto que lembrava o de Conrad. A lâmina reluzia em suas mãos, e um fio de saliva lhe escorria por entre o sorriso diabólico, instalando-se em gotas na ponta do queixo. O som da destruição da janela atraiu os outros, eu podia ouvir seus passos, e numa fração

de segundos formou-se em minha mente a certeza de que, provavelmente eles não chegariam a tempo.

— *Esperarei tempo demais pra vir até você, Vaca!*

Eu tinha que mantê-lo falando, assim teria uma chance.

— Você nem me conhece! — eu estava gritando.

— *Você é que pensa, Coelhinha!*

Não! Não, ele não poderia saber, só uma pessoa me chamava assim! Isso era íntimo, pessoal, senti-me violada! Ante o susto cai de joelhos. Ele atirou-se sobre mim, voando pelo quarto como um morcego, jogando meu corpo contra a parede, prendendo-me a ela com seu próprio corpo. Ele salivava, babando em meu rosto. Seu hálito possuía algo de velho, algo de morto. Para meu horror e minha vergonha, puder sentir sua ereção.

(Papai ama você Coelhinha, sabe disso, não sabe?)

Fechei os olhos, esperando que a qualquer momento fosse desferido o golpe final. Em meus pensamentos eu já estava morta. Foi quando ele começou a me tocar. Suas unhas crescidas arranhavam minha pele na altura dos ombros.

(Também te amo papai...)

— Eu poderia tê-la... — rosnou entre os dentes pontiagudos. — Você sabe que eu poderia... poderia matá-la... sim... eu sei... você sabe... a carne... o sangue... a dor...

(Papai... paizinho?)

Ele lambeu meu rosto. Pude sentir a saliva grossa, quente e terrivelmente pegajosa... e mais que o medo de morrer a qualquer instante, mais que a dor de ter suas garras cravadas em meu corpo, hipnotizada por aquele demônio, senti uma ardente ância de entregar-me. Estava dominada, minhas vontades eram controlados pela criatura... queria beijá-lo, queria mordê-lo e lambê-lo desesperadamente, como se isso fosse a coisa mais havia desejado em toda minha vida.

— *Não vou te matar agora, você vai ser a última, até mais Coelhinha... você sabe, eu sei... a carne...* — e desapareceu por onde havia surgido.

Só então, O professor e Artur conseguiram abrir a porta do quanto, que se manteve fechada, como se algum espírito a houvesse segurado.

Não demorou muito, os homens do Inspetor Cisco chegaram. Aparentemente o desgraçado havia nos feito de iscas vivas.

Minha cabeça girava em razão

(Papai?)

do susto levado. Cisco e Artur discutiam em alto volume.

— Você arriscou nossas vidas! — desabafou Artur.

— Cale-se, eu estou no comando aqui — Cisco insistia em afirmar sua autoridade.

— NÃO! — a voz ressoou como o trovão. — EU MANDO AQUI!

Era o inspetor, finalmente estávamos salvos!

— Senhor — Choramingou Cisco.

— Espere-me lá fora Cisco — ele obedeceu. —
Estão todos bem?

— Sim — disse o professor se apresentando. O inspetor respondeu o cumprimento e se voltou para mim.

— A senhorita está bem doutora?

(A carne...)

Fiz que sim com a cabeça, sem ter muita certeza se estava bem ou não. Aquilo havia mexido comigo, pois eu

acabara de ver a morte face a face, e ela havia sorrido para mim, dizendo que voltaria em breve.

(Eu sei...)

Aquela criatura parece conhecer nosso passado, nossos segredos. A única coisa que me impediu de ter um ataque, foi à presença do Inspetor Castelo. Aquele homem era mais forte de espírito do que eu imaginava.

(Também te amo papai...)

Todos se acomodaram na sala, o inspetor designou um pequeno grupo de policiais para vigiar a casa. Ninguém deveria ficar sozinho, e segundo ele, era tudo questão de tempo.

(Você sabe...)

ANOTAÇÕES DO INSPETOR CASTELO

(CONTINUAÇÃO)

10 julho. Madrugada — Como sempre, a luz do abajur me faz companhia enquanto escrevo. O resto da

sala mal iluminada emana paz e serenidade. Embora em minha mente, eu não encontre nenhuma das duas coisas. Minha menina... minha menininha...

Que belo rato de esgoto você me saiu, em Cisco? "Os gatos saem, e os ratos fazem a festa". Bem, cuidarei de você depois. Tudo ao seu tempo, afinal você é merda pouca.

Graças a Deus nada lhes aconteceu em minha ausência, ou Cisco iria começar carreira nova no departamento de trânsito. Afinal, o que há com os jovens hoje em dia? Toda essa ganância, essa prepotência, de onde vem? E o que há comigo? Por que fico desviando do assunto principal, será que não vou agüentar o tranco?

Estela foi para casa de sua mãe. Acho que assim é melhor, afinal não poderei consolá-la. Sei que nosso casamento não sobreviverá a isto. E porquê? Será que a Dra. Clarice tem algo haver com isto? Velho idiota! Você mostrou a ela que não passa de um velho chorão!

Concentre-se Castelo. Primeiro o assassino, depois sua vida. Não é assim que sempre foi? Primeiro o trabalho, depois minha vida. E então, por que é tão difícil agora?

Minha menina... minha menininha... enterros
demais...

Parte Dois

Ninrode

*“... No silêncio escuto a voz,
são demônios ou somos nós? (...)”*

(P. Ricardo / L. Schiavon)

(França: passado.)

DIÁRIO DE LUCILI MEGETÉ DUBOIS
(PRIMEIRA PARTE)

Não há esperança para o menino, e mesmo que eu pudesse dizer a verdade, quem iria acreditar-me. Como gostaria de poder dizer a verdade para meu esposo, que além de amar-me, zela financeiramente por toda minha família.

Nosso filho é estranho. Que Deus me perdoe, mas sei bem o que estou dizendo. O pequeno Jean-Luc, apesar de se parecer como qualquer menino de sua idade, carrega consigo uma sina terrível.

O parto havia sido extremamente doloroso, não me lembro quanto tempo durou, lembro-me apenas das dores. Naquela noite, uma horrível tempestade anunciou o rompimento de minha bolsa, estava muito fraca, acharam melhor que eu tivesse a criança em casa. Ouvia todos os presentes conversando aflitos, ninguém me dizia o que estava acontecendo, sabia penas que algo estava errado. Podia ouvir suas vozes, mas a dor havia entorpecido o sentido das palavras.

Durante todo o trabalho de parto, pude ouvir somente uma pessoa. Josefa era a mais velha das criadas, havia feito muitos partos em nossa família. Sua voz chegava aos meus ouvidos como os trovões que gritavam do lado de fora. Ela ficava repetindo que meu filho seria especial, mas que a tempestade era um sinal de maus presságios, que algo sairia errado.

"É especial, um menino muito especial", dizia ela, e isto estava me deixando louca. Lembrei-me de uma criança que havia nascido com estranhos problemas, parecia que algo tinha sido formado errado em sua mente. Por mais que crescesse, parecia sempre uma criança pequena. Diziam que era estúpida, que não serviria para

ser um homem. Os mais benevolentes chamavam-na de criança especial. Fiquei imaginando horrorizada se era isto que a velha parteira queria dizer. "Seu menino é bem especial, senhora", repetia a desgraçada.

Eu estava em choque, será que os outros não podiam ouvi-la? Nem meu marido teve compaixão de mim, porque ninguém podia fazer com que se calasse? Foi terrível, mas por fim, terminou.

A criança era saudável, pelo menos até onde podíamos observar. Era calma, sorridente, e com apenas dois anos já pronunciava pequenas palavras. Porém, ficava horas em silêncio, observando o mundo à sua volta. Parecia estar estudando algo no cenário. Por vezes apertava a vista, era como se visse coisas, talvez estivesse começando a perceber as texturas dos objetos, mas parecia algo mais. Aquilo me deixava apavorada. Ficava imaginando o que meu filho podia estar vendo.

Certa vez, deixei-o com a velha Josefa, afastando-me apenas por alguns instantes para fazer um serviço qualquer em nossa casa no campo. Quando voltei, vi que Josefa conversava com a criança, e o pequeno Jean-Luc prestava viva atenção em cada palavra que saía da boca da

velha. Ao me aproximar, pude apenas a ouvi chamar meu filho pelo nome de Ninrode.

Mais tarde, sem dizer-lhe a razão, perguntei a meu marido o que significava tal nome. Ele não sabia. Recorri então ao homem mais sábio de nossa vila. O Padre Victor teve prazer em me receber. Sempre cordial, perguntou sobre a saúde do menino e outras trivialidades. Perguntei-lhe o significava o nome Ninrode. O Padre respondeu-me que se tratava de um nome bíblico. Ninrode era descendente de Cão, que era um dos filhos de Noé. Ninrode foi o primeiro homem depois do dilúvio a tornar-se poderoso sobre a Terra. Construiu várias cidades e governou muitos homens. Dizem que era conhecido por ser um excelente caçador. Disse-me o Padre, que lendas antigas diziam que Ninrode era um caçador de Demônios.

Contou-me que há muitos anos, um padre ficou famoso por ter realizado vários exorcismos, e em razão disso era chamado de: Ninrode - O Caçador de Demônios.

Em decorrer destas informações, tive pesadelos horríveis em que meu pequeno filho era devorado por criaturas aladas. Pedi ao meu marido que mandasse a velha embora, mas ele se recusou, disse-me que ela não

conseguiria outro emprego nesta idade. Pedi então que a mantivesse afastada de meu filho. Aquela maldita bruxa estava tentando deixar meu filho tão louco quanto ela, e isso eu não iria permitir.

Comecei a guardar meu filho por todos os dias, não permitiria que ele ficasse sozinho com a velha bruxa, de forma alguma. Pensamentos desordenados e sem nenhuma razão (além de um medo irracional) flutuavam em minha mente, deixando-me totalmente fragilizada, irritada e em certos momentos, desagradável.

Meu marido sabia que algo não andava bem, mas como dizer a ele o que se passava. Meu medo era de ser tomada como louca, quando na verdade, minha única loucura era o amor de mãe. Um amor, que mesmo não sabendo de onde vinha, me faria ser capaz de morrer pelo meu filho. Foram incontáveis as noites em que passei mergulhada nestes pensamentos, tentando imaginar uma razão lógica para o comportamento da velha. A mais coerente das hipóteses, é a de que ela estaria louca. Eu sabia que o povo era dado a superstições, sabia que eles acreditavam em duendes e gnomos. Fadas que nos protegiam na floresta e coisas dessa natureza, mas não

conseguia encontrar uma relação entre meu filho e a velha louca.

(Especial...)

De qualquer forma, a velha morreu. Aparentemente seu corpo cansado não agüentou o peso da velhice. Senti-me aliviada, e culpava-me por esta sensação. A velha tinha morrido e eu não teria mais com o que me preocupar.

(Um belo menino especial...)

No fundo, acho que eu sabia que o problema maior não provinha da velha, mas sim de meu filho. O comportamento do menino passou de suspeito para evidente. Falava sozinho, e sua fixação para olhar o vazio aumentava a cada dia. Meu marido dizia que ele era um ótimo observador e que seria um homem muito especial. Essa maldita palavra voltava a dominar meus sonhos.

(Ele é especial... velha desgraçada...)

Por diversas vezes, tentei fingir que nada acontecia, mas quanto mais reparava no menino, eu podia constatar que ele era... *esp...* diferente.

DIÁRIO DE LUCILI MEGETÉ DUBOIS
(SEGUNDA PARTE)

Preciso escrever sobre os sonhos... sobre os pesadelos que povoam minhas noites conturbadas. Meu filho sempre é o personagem principal destas monstruosas peças teatrais. Acredito que seja assim com a maioria das mães. Contudo, não pretendo discursar sobre os temores da maternidade.

Será que o que sonho, são apenas medos e dúvidas amontoadas em minha mente preocupada, ou tratam-se de previsões e avisos do que virá? Nunca acreditei em tais coisas, mas nos últimos sonhos tenho visto a velha bruxa rondando-me. Ela chega de mansinho, como quem não

quer assustar, fala de coisas que não compreendo e principalmente fala de meu filho.

Acho que não posso duvidar que o espírito dos mortos vai para algum lugar depois que o corpo morre. Eu não poderia estar imaginando as falas da bruxa. Estas frases são de uma originalidade que não me pertencem, e falam de coisas as quais eu nunca seria capaz de formular. Claro que há a hipótese de que eu também esteja louca, mas acredito que a loucura não seja assim.

Nos sonhos, eu vejo Ninrode, O Caçador. Ele caça monstros que mais parecem anjos deformados, criaturas vindas do próprio inferno. Ninrode é alto e forte, e apesar da longa barba, pude ver a semelhança com os traços faciais de meu filho. Posso estar ficando louca, mas acredito que eu esteja vendo em sonhos, o passado de meu filho. Sei que parece incrível, mas tenho quase certeza de que ele e Ninrode são a mesma pessoa, ou foram... não sei como empregar o termo, assim como não posso explicar como eu sei... apenas sei.

Ninrode morre, como outro homem em outra era. E assim várias vezes. Depois renasce novamente em um cavaleiro medieval. Morre novamente e renasce na forma

de um padre jesuíta e, morre mais uma vez. Então surge meu filho; Ninrode renascido... O Caçador de Demônios...

Procuro na Bíblia, e lá está. Ninrode, descendente de Cão, filho de Noé. Começo a ver tudo como uma seqüência de algo que precisa ser feito, de tempos em tempos. Os demônios precisam ser caçados, o mal precisa ser combatido.

Deste momento, tudo se torna claro para mim. Minha missão parece ter sido enviada pelos céus, e sei muito bem qual é. Tenho que educar, preparar e proteger meu filho, até o momento em que ele esteja pronto para sua missão na Terra.

Depois que tomei consciência disto, os sonhos se tornaram mais claros. Josefa constantemente aparece para me passar ensinamentos e conselhos sobre como devo agir para com a criança. Ela sempre diz que o nêmesis de meu filho logo virá. Em meio as minhas dúvidas, penso se meu filho terá de enfrentar o próprio Satã?

DIÁRIO DE JEAN-LUC DUBOIS
(PRIMEIRA PARTE)

Lembro-me de como minha mãe ficou assustada ao me contar sobre meu destino. Ela achava que eu não acreditaria, que a tomaria por louca. Mas eu sabia do que ela estava falando. Para dizer a verdade, sabia até demais.

Eu podia vê-los ao meu redor. Os anjos... e como eram belos. Era constantemente advertido de que logo os demônios também seriam vistos. Isto me assustou no começo, mas depois percebi que eles me evitavam. Mesmo assim era terrível prestar atenção na escola, vendo-os rastejar pelas carteiras. Eles sempre estavam me vigiando. Acho que se os outros alunos conseguissem vê-los, morreriam de susto. Havia um em especial, que por

ventura foi o primeiro que enfrentei. Ele vivia me seguindo e por diversas vezes ameaçava saltar sobre mim. Mas normalmente ele apenas ficava me olhando de longe, quase sempre com um gato ou um gambá morto pendurado nos ombros.

Levou algum tempo, mas me acostumei com eles. Sempre rondado, agachados, rastejando. Olhos que só pareciam vivos pelo brilho doentio de maldade. Algumas vezes, quando estava mais concentrado, podia sentir o cheiro. Até hoje, nunca vi um demônio que não fedesse.

Era engraçado o fato de saber coisas que eu não sabia. Por exemplo: quando comecei a estudar teologia; eu não tinha como saber destes assuntos, mas na medida que eu os lia, ia reconhecendo coisas que já estavam em minha mente. Era como se eu escrevesse um poema, depois esquecesse de sua existência, mas ao ler algo parecido tudo voltava à minha mente. Sempre sonhava com coisas que lia, e em meus sonhos, elas eram explicadas, como que se o véu caísse, revelando-me um novo modo de ver o que aprendia.

O meu primeiro confronto com o Anjo Negro foi difícil, tendo em vista a morte de meus amigos. Eram

leais, apesar de não acreditarem em minha história. Foi um erro envolver inocentes nesta batalha. Esta era minha batalha. Sei que um dia terei de enfrentá-lo novamente. A preparação é necessária, mas a espera é terrivelmente torturante.

DIÁRIO DE JEAN-LUC DUBOIS

(SEGUNDA PARTE)

Nesta noite que passou, tive a revelação de alguns dados sobre o novo confronto com o Anjo Negro. Não sei o local exato, mas sei que não se dará no Velho Mundo. Provavelmente será como da última vez; serei atraído para os eventos.

De maneira alguma não estranharia se um conhecido meu acabar envolvido com os incidentes. Foi assim dezenas de vezes... acho que não mudará agora. Mesmo assim fica difícil precisar o lugar exato, tendo em vista que em minhas viagens, venho fazendo amigos em várias partes do mundo. Acho que isso foi um erro. Nasci para lutar até a morte, e não para ter uma vida social. Sei

que parece injusto, mas tenho uma missão a cumprir, e não cumpri-la me traria mais infelicidade do que a que tenho no momento... não que esteja me queixando, sou o que sou e nada posso fazer. A aceitação foi uma conquista antiga.

Mas nem sempre tudo foi assim. Lembro-me de quando me apaixonei pela primeira vez. A renúncia foi a mais cruel de todas as escolhas que já fiz. Foi a grande perda de minha vida. Sendo assim, o que eu viria a perder — se comparado ao amor que perdi —, seria sem importância, considerando que o melhor eu já havia perdido. Melhor dizendo: o pior eu já passei.

Seria inútil tentar entender esta batalha divina. Resumindo, seria o Bem contra o Mal, mas nada é tão simples. Não existe preto no branco, ou como dizia um velho amigo: sempre há algo mais.

Fico pensando se será assim eternamente, imaginado o que acontecerá se a balança pesar para o lado errado.

Acho que me tornei amargo com o tempo, mas me parece que esta é a sina de todo guerreiro. Isto não significa que agirei de má fé. Tenho certeza do meu

caminho, tenho minhas convicções. Sei por quem luto, e lutarei até o fim. Até o amargo fim...

Proteger a vida... até a morte. E até morrer de novo.

O apelo dramático desta frase é real. Tenho infinitas noites de insônia para comprová-la. No entanto, acho que outra vida não me caberia. Há um lado todo especial em saber o que outros não sabem. Sentir-se especial não me ajudará, sei disso, mas negar que me sinto, de certa forma lisonjeado, seria por demais hipocrisia.

Sei quem ele é. Sei o seu nome. Havia um anjo que simbolizava a justiça. Antes do cristianismo, os hebreus tinham por hábito, sacrificar um bode a este anjo, isto garantia que ele carregasse os pecados da aldeia. Mas anjo foi dominado pelo próprio símbolo de seu poder, a justiça. Acusado de ensinar aos homens a fabricação de armas, fora expulso do céu. Vários teólogos consideram Azazel, como sendo um dos preferidos de Lúcifer.

— *NINRODE!!!!!!!* — gritou a criatura, enquanto despedaçava mais um corpo astral.

Carne. Um fêmur com carne ainda enraizada era partido.

— *NINRODE!!!!!!!* — o sangue explodia de sua boca jundo com pequenas partículas de carne humana.

Um crânio era esmagado... mais carne... mais sangue... mais forte ele ficava, mais demônio... menos humano...

Dubois corria sem destino pelos enormes corredores. Podia ouvir claramente o grito ecoando em meios aos sons de seus próprios passos... passos de covarde. Limpou o sangue, limpou a mente, não podia pensar assim... de nada valeria o seu sacrifício, precisava sobreviver a todo custo. Seus companheiros humanistas,

como eram conhecidos, haviam sido, em sua maioria, dilacerados diante de seus olhos, mas todos sabiam dos riscos.

— *Está perdendo o espetáculo Jean-Luc...* — mais sangue...

O demônio queria ensinar-lhe uma lição. Ouvia os gritos, os ossos sendo quebrados, mas nada podia fazer. NADA.

— *Não seja idiota Ninrodedubois... sabes muito bem que posso encontrá-lo, você está apenas adiando o inevitável...*

E Dubois corria. Os túneis eram intermináveis, longos e complexos, um verdadeiro formigueiro em forma de mente. Dubois estava preso na mente do demônio, um lugar onde não havia esperança, um lugar onde pequenos demônios se aninhavam nas sombras, prontos para explodir, como tumores em um cérebro.

— Senhor — gemeu Dubois. — Tende piedade de mim... oh Deus, os ossos, os morto-vivos, o pântano!

Precisava voltar, mas para isso teria que passar pelo anjo. Tentava desesperadamente lembrar a oração

certa para paralisar a criatura. Era inútil, estava muito nervoso.

— Dubois me ajude! — gritou alguém.

Devorados, eles estavam sendo devorados. Não havia mais tempo, precisava enfrentar aquilo, afinal, este era seu destino.

— AZAZEL!!!! — explodiu Dubois em som e lágrimas. — AZAZEL!!!! AHHHHH MALDITO!!!!

Agora ele corria de volta para o Anjo Negro, gritava como um índio indo para a guerra. Em sua mente, iluminou-se uma idéia, A idéia. Isto salvaria sua vida. Não se lembrava da oração certa para o ritual, mas lembrou-se de que toda oração feita com fé, era a oração certa. Criaria a sua oração certa, deteria mais uma vez aquela abominação, ou morreria tentando.

— Proteger a vida até morrer... e até morrer de novo...

(Oh Deus...)

ORAÇÃO DE JEAN-LUC DUBOIS

Por aceitar meu destino... por ter certeza de que é necessário o sacrifício, mesmo não sabendo o Porque. Por que só Tu sabes o propósito de tua criação, e ninguém além de Ti...

Por ter noção do mal que caminha pela Terra... por estar vivendo como um homem, mas ao mesmo tempo sendo um instrumento teu... pois não há como viver entre os homens sem ser um deles...

Por saber que todo homem é um instrumento teu... e que cada um deve fazer sua parte... mesmo que nem todos os homens saibam que são os teus braços na Terra...

Pela sede de justiça que precisa ser saciada... pelos olhos que já sangraram lágrimas derramadas pelas guerras...

Pelas guerras que injustamente foram feitas falsamente em Teu Sagrado nome...

Pelos profetas que morreram por amor ao Teu nome, e por Tua palavra...

Pelos homens e mulheres, ditos Magos e Bruxas, que morreram por Ti, ao se levantarem contra os ímpios... porque eles eram o Teu braço na Terra... mesmo agindo por to, sobre um dos Teus vários nomes...

Pelos teus Guerreiros...

Pelo fogo que queima no coração de todo Humanista...

Pela Magia...

Pelo Milagre da Vida...

Pelo Milagre do Pão...

Pelo Milagre do amor, que transforma e ensina os homens a serem instrumentos Teus...

Por Teu Amor...

Por Teu Nome...

Por Teu Filho...

*E por mim, e pelo meu coração... que nada mais é,
do que Tu, em mim...*

Eu te rogo...

Seja feita à vossa vontade...

*Em Nome do Pai... do Filho... e do Espírito
Santo...*

Amém...

Parte Três

Mais Visões

“O adormecer da razão gera monstros.”

Goya

DIÁRIO DO Dr. ARTUR
(CONTINUAÇÃO)

01 de agosto. Blumenau — Como descrever a enxurrada de acontecimentos que se desencadearam durante este mês que se findou? Acabo de chegar de minha mais incrível viagem, e a mais terrível também. Creio que devo começar pelo princípio, não seria propício, principalmente neste caso, colocar a carroça na frente dos burros.

Lembro-me de que o Professor Dubois e eu, tentávamos através da meditação, refazer o elo mental com o corpo de Conrad. Bem, superamos nossas expectativas. Diria até que isso foi pouco, diria que,

jamais, e nem em nossos sonhos mais loucos ou diabólicos, poderíamos ter imaginado tal final.

Estabelecido um contato, o mundo caiu, sendo que ao meu ver, foi como se todas as paredes da realidade — sem mais nem menos, e em fração de segundos — tivessem sido desintegradas por completo. E eu, que me encontrava numa sala junto do professor, via-me agora em corredores sem fim. Corredores de paredes negras e portas cinzas.

Não importava para que lado eu olhasse, pois todas as direções daquela encruzilhada pareciam não ter fim. Minha vista se perdia e ainda que buscasse um horizonte, não encontrava ponto para fixar a visão. Então, bateu-me a dúvida: Estaria eu em minha mente? E se estivesse, Como sairia? Deveria abrir as portas, ou seguir o corredor? E se seguisse, em que direção? Tive vontade de cair de joelhos e deixar o pranto — que implorava para sair — derramar-se enfim.

Segurei o pranto por mais tempo, e comecei a caminhar. Não sabia o que fazer, mas sabia o que não fazer, pois por nada desse mundo, eu abriria uma porta destas. Era como se algo vazasse por debaixo das frestas,

algo que respirasse, implorando para que seus grilhões fossem rompidos.

O tempo não existia ali. Pude jurar que caminhei durante horas, mas meu relógio, antes de parar por completo, mostrou-me que não haviam transcorrido sequer três minutos. Após caminhar por muito, e a ponto de esgotar minha paciência, aceitei o inevitável, teria de abrir uma destas malditas portas.

A primeira abriu com certa facilidade, apenas rangeu, como se estivesse alguns anos sem uso. Da porta para dentro, havia outro mundo. Um mundo de grama fresca, cheirosa, acompanhadas de uma brisa morna, com sabor de flores do campo. Lá, correndo das sombras de uma gigantesca árvore para o campo ensolarado, estava um menino. Seu sorriso era tão belo e tão espontâneo que parecia que o rosto não poderia contê-lo. Só quando ele se aproximou da passagem, percebi que aquele menino era eu. Ele caminhou até a porta aberta, e ficamos a nos observar. Ele me olhava com vivo interesse, estudando cada detalhe do meu rosto.

Pude ver a surpresa em seu rosto, ao me reconhecer como ele mesmo. De súbito senti uma presença atrás de

mim. Quando me volvei, vi que não estava sozinho. Era meu sócia. A pessoa parada à minha frente era igual a mim, em todos os detalhes. Era como se estivesse olhando para um espelho. Há única diferença eram as asas. Longas, brancas, belas demais para ser de qualquer pássaro que já tenha existido. Seu semblante era calmo, sereno.

— Quem é você? — perguntei. — Meu anjo?

— De certa forma — respondeu ele sorrindo.

— Como assim?

— Veja da seguinte forma. Todos têm duas almas, o consciente e o inconsciente. Digamos que seu inconsciente seja o seu anjo.

— Estamos no inferno? — fiz esta pergunta por que me sentia como Dante, caminhado pelos nove níveis do inferno.

— Só se for o seu inferno. — respondeu meu amigo alado.

— E quem é ele? — perguntei, apontando para o menino, que ainda nos observava com muita curiosidade.

— Somos nós! Estamos em sua mente. Cada porta destas, é um momento de sua vida. Vai do passado ao futuro, da infância à morte, da vida material à vida eterna.

Esta que você abriu, é da sua infância. Você costuma brincar assim, não se lembra?

Neste instante, um sósia do menino pousava atrás dele. Nos quatro nos olhamos felizes com o reencontro. Era bom estar comigo novamente. Então, meu anjo colocou a mão em meu ombro, dizendo que era hora de irmos. Os dois, do outro lado da porta entenderam o que isso significava. Ambos sorriram e acenaram, enquanto a porta se fechava.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Sair da sua mente, pois temos que encontrar o Anjo Negro.

— Vamos entrar na mente dele?

— Primeiro temos que sair da sua. Depois teremos que entrar na Consciência do Universo, para só então, encontrar o caminho até ele.

— A Consciência do Universo, é a consciência de Deus?

— Não se preocupe tanto com Deus! Deixe que ele se preocupe com você! Agora muito cuidado, pois a mente de um Anjo Negro é o próprio inferno.

"Ele é um servo do mal, e cada servo do mal reina em sua mente — que é seu inferno particular —, onde outros espíritos menores o obedecem como se ele fosse o próprio Lúcifer! Estes pobres espíritos enganados vivem em sua mente, achando que vivem no inferno real, mas não passam de energia negativa agindo negativamente, obedecendo a um servo, achando que obedecem ao mestre!"

"O problema se resume em que enquanto lá estivermos, estaremos a sua mercê. E ele há de nos confundir, tenha isso em mente."

Assim, caminhamos mais alguns metros e depois entramos por outra porta. Estávamos agora em um campo florido, no alto de uma montanha. Eu podia ver os outros picos a nossa volta, repletos de neve e em alguns pontos, tão floridos quanto o nosso. Era uma visão magnífica, era sem sombra de dúvidas a Consciência do Universo! Começamos a descer.

— Pra onde estamos indo?

— Para os níveis inferiores! É lá que encontraremos a porta que procuramos!

Era muito estranho conversar comigo mesmo, e saber coisas que eu já sabia, pois a vida toda fomos um só, feitos pela mesma mão, mas separados por paredes e bloqueios mentais. E o mais incrível, é que um dia, não seremos apenas um só com duas consciências, mas sim uma só consciência. Era realmente Divino.

A descida foi tão bela quanto à chegada. Como explicar o inexplicável? Não via as flores apenas, eu sentia as visões, sentia os sons e os cheiros. Era como se cada um dos cinco sentidos, me revelassem um sabor diferente de uma mesma coisa. Havia também um sexto sentido, uma consciência superior que pairava no ar, tão viva e perfumada que era impossível não notá-la.

Havia também, muitos pássaros, animais e insetos. A vida vicejava em todos os cantos, crescendo, se reproduzindo em perfeita harmonia. Era como estar no jardim do Éden, faltava apenas Adão e Eva! Os animais não se assustavam com nossa presença, pelo contrário, se aproximavam, olhando-nos com muito interesse, faltavam apenas sorrir. Um leão, sentado em sua majestosa preguiça, urrou quando passamos a alguns metros dele. O poderoso som se fez ouvir em todo o lugar. Assim, como

se obedecessem a sua majestade, todos os animais se voltaram para nós! Era como se o leão tivesse dito: "sois bem-vindos".

Logo nos afastamos de nossos anfitriões. Aos pés da montanha, nos encontrávamos agora adentrando num pântano. A água nos cobria até os joelhos.

— Onde estamos? — perguntei indignado com a mudança da paisagem. — Este lugar fede!!!

— Estamos descendo — disse o sócia. — O odor vai piorar, mas esta será a menor de nossas preocupações.

Apesar de ter me deslumbrado com a paisagem de antes, sabia que logo estaríamos na mente do Anjo Negro. A água do pântano tornava-se cada vez mais lamacenta. Era difícil acreditar que estava fora de meu corpo, e ainda sim sentindo os efeitos da matéria.

Neste momento, constatei que havia perdido a noção do tempo. Não saberia dizer desde quando estávamos ali. Com certeza, quando voltasse — e se voltasse — provavelmente no mundo real o tempo não haveria transcorrido da mesma forma que aqui.

Imerso nestes pensamentos, não reparei que a água estava baixando. Apenas notei tal fato, quando já havíamos chegado na outra margem. Estava todo sujo. A sujeira se refletia fielmente no sósia, com exceção das asas que permaneciam tão limpas quanto antes.

Caminhamos em silêncio até uma porta de ferro, encravada no enorme paredão de pedra à nossa frente. A ferrugem havia devorado a parte superior do metal.

— Antes de entramos — começou o sósia. — você deve saber que estaremos num mundo totalmente diferente do que você conhece. Lá, nada é o que parece ser... mas não se iluda, pois é tão mortal quanto o mundo que conheces. Provavelmente seu amigo Conrad está preso por lá...

— Por isso ele não me apareceu mais?

— Exato. Vamos entrar.

O sósia tinha razão. O odor era pior do que antes... pior do que eu podia imaginar. Fui tomado por ânsias assim que a porta foi aberta.

— Estamos sendo esperados — disse o sósia. — A porta não está trancada.

Então entramos... mesmo que parecesse que entrávamos em lugar nenhum, eu sabia que estávamos penetrando no inimaginável... como descrever o que vi? Como descrever um mundo onde o chão era vivo... e ao mesmo tempo... morto? "Podre" talvez fosse a palavra certa. As sombras eram vivas, os olhos que brilhavam nelas não... era como estar dentro do câncer... e ver ele próprio se corroer a cada instante. Senti na pele a síndrome de pânico, que mesmo sem antes conhecer... tentava curar de meus pacientes. Num momento — no qual pensei que fosse desmaiar —, senti a mão do sócio em meu ombro.

— Sê forte... e passarás...

Sentia como se caminhasse por um tapete de restos... com as narinas queimadas pelo fétido odor. Logo subimos num ponto elevado do caminho, e pude ver uma pilha de ossos humanos, um castelo formado da mais hedionda e profana arquitetura que o inferno podia conceber.

Aos poucos, e quanto mais nos aproximávamos da mórbida construção, o odor de podre ia sendo substituído pelo cheiro de carne queimada... Deus, pensei, será que

esse horror não terá mais fim? Busquei com os olhos, consolo no meu sósia... ele olhava-me duro como pedra, sabendo que seria mentira me dizer que estava tudo bem...

— Não estamos a sós — disse o sósia. — Dubois está aqui.

— Dubois aqui? — meu espanto era total. — Onde ele está? Como?

— Fique calmo... ele chegará a tempo.

Voltamos a caminhar. Eu deveria estar mais confiante agora, mas confiança era um sentimento que não sobreviveria muito tempo no lugar onde estávamos. Parece que o sósia havia lido meus pensamentos...

— Você não confia em mim?

— Você não é um anjo... é apenas parte de mim...

— Sou sua parte Divina. Estou surpreso que com tudo que já presenciou, ainda duvide da Divindade.

— Divindade!!??? — Explodi. — Desculpe-me, mas ainda não vi Divindade alguma! Tudo que vi foi morte e destruição...

— Pois bem... vire-se sozinho então.

Ao dizer isso, o sósia desapareceu. O que fui fazer? Estava agora sozinho na mente de um demônio. Como

sairia dali? Como fui burro! Mas de repente, foi como se soubesse o que fazer. Era como se o sócia tivesse voltado para dentro de mim. Voltei-me para a montanha de ossos e retomei a caminhada.

Ossos! Pilhas e pilhas de ossos! Dentre eles pude reconhecer não só um fêmur humano, mas vários. Omoplatas, caixas cranianas e ossadas de criaturas que jamais ousei sonhar que um dia existissem. Porém, ignorando o asco, subi... como subi.

Parece que a cada crânio que galgava, a raiva por aquela criatura dobrava de volume. Por vezes pensei enquanto subia, se seria capaz de por fim a tamanha loucura. Pedia a Deus a cada instante... rezando para não enlouquecer. Há quanto tempo estava ali subindo? Dias? Semanas? Como medir o tempo se não se sente sono, ou fome? Literalmente se tratava de "estados alterados da mente". "Morda-se de inveja Dante", pensei rindo do absurdo da situação. O humor era aparente. Uma arma a

esmo... usada irresponsavelmente apenas para afastar o medo e a loucura.

Neste ponto, a subida havia se tornado rotina. Não me importava mais pisar em ossos humanos. Queria apenas chegar. Foi quando aconteceu o inesperado.

Estava totalmente anestesiado pelo esforço da subida, que nem me dei conta dos tentáculos que brotavam por entre os ossos. Os malditos poros salivavam algo que lembrava a sangue e pus. Eu deveria ter sentido o cheiro daquelas coisas, mas havia conseguido com sucesso, isolar o odor que me rodeava. Um dos tentáculos se enrolou em minha perna. Estava preso, nem subia nem descia. Os outros me buscavam como cobras cegas, tateando entre os ossos. O meu grito apenas serviu pra lhes indicar minha posição. Tentava me esquivar dos demais, enquanto lutava para livrar minha perna. O muco do tentáculo queimava pele de minha perna, que já estava nua. Podia sentir agora o cheiro de minha carne queimado junto com os farrapos da calça. "Vou morrer queimado por vermes", pensei antes de ouvir um disparo de uma arma. "Uma arma de fogo!!?", me entregaria completamente à loucura se não tivesse buscado pela origem do disparo. Ao olhar

para baixo, vi mas não acreditei no primeiro momento. Subindo logo atrás de mim, estavam Dubois e o Inspetor Castelo.

— Agüente! — gritou Dubois. — Estamos quase aí!

Sim, agora eu agüentaria. O primeiro tiro do inspetor tinha livrado-me do primeiro tentáculo. Bastava agora ficar longe dos outros. O que me interessava não era saber como eles haviam chegado até ali, mas apenas o fato de que não estava mais sozinho comigo mesmo.

Após alguns disparos — certos, diga-se de passagem —, as criaturas retornaram para dentro da pilha de ossos. Enquanto nos saudávamos, Dubois examinava minha perna.

— É uma queimadura feia. Talvez você tenha febre.

— Como posso ter febre, se nem ao menos estou no meu corpo? Não faz sentido.

Dubois continuava a examinar o ferimento. Castelo recarregava a pistola, vigiando à nossa volta. Dubois me encarou nos olhos, permanecendo assim em silêncio, por alguns instantes. Depois falou:

— Está doendo não está? — respondi que sim com a cabeça. — Então vai ter febre.

Fazia sentido. Era inacreditável, mas fazia sentido. Perguntei ao professor como haviam chegado até ali. Ele me respondeu que primeiro hipnotizou o inspetor, conduzindo-o até a Consciência do Universo. Depois fez o mesmo consigo. O resto eu pude deduzir. O mais importante é que juntos tínhamos uma chance. Bem, pensava assim para me sentir melhor.

— Que diabos de lugar é esse afinal? — perguntou o inspetor.

— De certa forma — começou Dubois. — É o inferno! Contudo, não tenho certeza, pois nunca fui tão longe... mas vamos subir e fazer o que precisa ser feito!

Era isso. Fazer o que precisava ser feito. Era uma maneira simples de se encarar a coisa toda. Simples, mas eficaz. Não pude deixar de lembrar do que meu pai vivia dizendo: "chega uma hora em que um homem tem que fazer... o que um homem TEM que fazer."

Parecia simples, mas como destruir um Anjo Negro? Não me arrisquei a perguntar, mas rezei para que Dubois soubesse a resposta.

Achei que as paredes de ossos eram as piores edificações que eu já tivera o desprazer de vislumbrar, mas os portões no alto da fortaleza eram infinitas vezes pior. Simplesmente não tenho palavras para descrever o que vi... tentem apenas imaginar o que seria uma parede de moribundos... algo que um dia já tivera pele e órgãos internos organizados, mas que vagamente lembrava um ser humano. Passamos pelos portais abertos, deixando os lamentos daquelas criaturas desafortunadas para trás, com apenas um comentário de Dubois:

— Por eles... nada podemos fazer.

Não conseguia parar de pensar — que apesar do que já tínhamos visto até agora —, estávamos suportando tudo muito bem. Até o inspetor, que era o mais incrédulo de nós. De vez ou outra, ele apenas resmungava sozinho,

como se isso o ajudasse a não enlouquecer. Parece que aos poucos, descobríamos um jeito todo particular de lidar com isso tudo.

— Jamais imaginei — comentou o inspetor, — gostaria de não acreditar no que vemos!

— São as "Visões do Mal" — retruquei, lembrando-me de um poema. — São as "Visões do Mal"!

Seguimos então por corredores sem fim. Acredito já ter mencionado a falta de noção de tempo, e isso nos atrapalhava, tornando mais fácil a chance de nos perdemos. Foi quando Dubois resolveu assumir a liderança.

— Temos que ser mais práticos, ou não chegaremos a lugar algum.

— Não deveríamos ir para cima? — perguntou o inspetor. — Para as torres?

— Não — retrucou Dubois. — Temos que descer.

Andamos novamente pelos mesmos corredores, procurando uma escada que nos levasse para baixo. Mas nada encontramos. A busca era demorada devido ao tamanho do andar térreo, em que nos encontrávamos.

Ainda tinha que se somar a isto, o fato de não podermos nos separar, visto que isso seria um erro fatal.

Após várias buscas infrutíferas, paramos para confabular. Dubois andava de um lado para o outro, intrigado com o fato de não haver um meio de descer. Era como se ele já tivesse estado ali antes, como se já tivesse caminhado por aqueles corredores, mas ao voltar, encontrara o lugar totalmente reformado. Castelo e eu ficamos um bom tempo sentados, aguardando. Infelizmente Dubois tinha razão, a perna não parava de me incomodar, e já podia sentir minha testa ardendo em febre.

— Eu vejo, mas não acredito — disse o inspetor.

— Pois acredite meu amigo — começou Dubois, — o mundo que vivemos é apenas uma parte do Grande Todo.

Comecei a pensar sobre o que deveria estar se passando na mente do inspetor. Para mim, que fui obrigado a aceitar estes acontecimentos, e sendo um homem educado para compreender a loucura alheia, já era difícil, imagine para o pobre inspetor.

— Este lugar está me dando nos nervos — Castelo não se cansava em demonstrar seu descontentamento.

Acredito que essa era sua maneira de lidar com o inacreditável, ou seja, negar o óbvio.

O professor continuava a caminhar de um lado para o outro. A queimadura em minha perna ardia como brasa e eu estava começando a ficar com a visão turva.

— Não entendo — começou Dubois, — estamos na mente do anjo. Ele sabe que estamos aqui, mas, no entanto, ele nos ignora.

— Acho que ele não está preocupado conosco professor.

— Não é bem assim meu jovem, acho que ele não quer nos enfrentar aqui, porque sabe que aqui nós podemos vencê-lo.

— Não temos como atrai-lo? — perguntou Castelo.

— Talvez... mas para isso, teríamos de nos aventuras em sua mente...

Eu começava a imaginar o que Dubois queria dizer, e não estava gostando nem um pouco. Assim que ele disse: *se aventurar pela mente dele*. Imediatamente voltou-me à memória, a cena em que eu e meu sócia caminhávamos pelo corredor cheio de portas de minha própria mente. Será que teríamos que invadir as portas da

mente desta criatura? Como seria conhecer o passado de um Anjo Negro? Acho que estávamos indo longe demais...

Dubois pareceu ler meus pensamentos.

— Vamos Artur, pode se levantar?

— Acredito que sim.

— Ótimo, pois temos que encontrar as memórias desta criatura.

Eu não conseguia imaginar, como entrar nas memórias do anjo pudesse nos ajudar a derrotá-lo. Contudo, Dubois era o único entre nós que parecia ser capaz de tal proeza. Seria loucura questioná-lo.

Assim, voltamos a caminhar. Durante muito tempo, todo o cenário se repetiu à nossa volta. Eram corredores sem fim, ainda mais agora, que começávamos a subir. O inspetor estava me ajudando, visto que eu caminhava com alguma dificuldade. O professor caminhava à nossa frente, parecendo um cão farejador. À vezes parava, olhava para os lados e depois voltava a caminhar. Castelo continuava resmungando baixinho, enquanto eu tentava suportar minha incômoda queimadura. Ao virarmos uma esquina, nos vimos diante de uma enorme porta de carne e ossos.

— Entrando em suas memórias, ele tomará conhecimento de nossa estada aqui, embora eu acredite que ele já saiba.

— Espero que esteja certo professor, realmente espero.

Empurramos a porta e entramos. O corredor desta criatura não se parecia nada com o meu, embora fossem ambos da mesma estrutura. O lugar era enorme, havia muito mais portas que em minha mente... o que uma criatura como esta já teria vivido?

— Que porta? — perguntei.

— E isso faz alguma diferença? — retrucou-me Castelo.

— Faz toda a diferença meus caros — começou Dubois, — ao entrarmos, estaremos sujeitos ao cenário e aos acontecimentos que ele viveu... esta é a maneira mais antiga de se viajar no tempo meus amigos, e eu não gostaria de encontrar-me no meio de uma guerra, por exemplo.

Era uma escolha difícil, tendo em vista que todas as portas eram iguais. Dubois tomou a dianteira, e Castelo e eu o seguíamos pelo interminável corredor. Um fato que

me chamou a atenção foi à maneira peculiar de Dubois caminhar. Caminhava com a cabeça à frente do corpo, com o pescoço esticado, maneando a cabeça de um lado para outro, como se estivesse farejando algo.

Este era outro fato que ficou evidente. Estava claro para mim que Dubois possuía digamos assim, "poderes" que o ajudavam em sua profissão, não que eu soubesse qual era exatamente sua profissão. Resumindo, eu poderia dizer que Dubois era sensível a coisas que passariam despercebidas as demais pessoas.

Andamos vários metros até que Dubois decidiu-se por uma porta. Ele parecia em dúvida, olhava atentamente para a porta em sua frente, enquanto coçava a cabeça. Por fim, e sem ao menos nos consultar, girou o trinco e a porta se abriu.

Novamente era como ver um mundo dentro de outro mundo. Estávamos passando para uma subdivisão de um novo mundo. Fiquei pensando até que ponto estes pequenos universos podiam existir, imaginando se dentro de cada átomo da existência, existiria algo assim.

Apesar da porta aberta e da estranha claridade avermelhada que misteriosamente reinava no corredor,

não podíamos ver nada do lado de dentro. Uma névoa de aparência quase viva flutuava para fora.

— O Senhor sabe o que vamos encontrar aí professor?

— Posso estar errado, mas logo iremos descobrir.

A resposta não me tranqüilizou por completo, Dubois parecia atormentado por fantasmas do passado e eu não conseguia afastar a estranha sensação de que em breve, o professor teria de se defrontar com algo que desde já, demonstrava incerteza de vitória.

Apesar da falta de visão, resolvemos entrar. Caminhamos por um bom tempo sem visão alguma. Tínhamos que segurar uns nos ombros do outro para não nos perdermos. O chão era feito de pedra, podíamos sentir também a umidade no ar. Haviam paredes à nossa volta, isto fazia lembrar o corredor de um castelo. O professor caminhava na frente, e Castelo na retaguarda. O medo que sempre esteve presente era muito mais forte na escuridão total.

— Esperem — disse Castelo. — Estou ouvindo passos...

— É o eco de nossos passos — eu disse.

— Acho que também estou ouvindo — retrucou o professor. — Parece que não estamos sozinhos aqui...

— Daria tudo por uma lanterna — comentou Castelo.

— *DARIA SUA ALMA?*

Era uma voz medonha, vinda de lugar nenhum. Claramente pude ouvir Castelo engatilhando sua arma. O professor, que já estava abaixado, puxou-me para junto dele. Ficamos agachados, tentando ver na escuridão.

— Não atire inspetor! — Eu gritei. — Você poderia nos atingir!

Tudo ficou quieto, como se nada tivesse acontecido. Contudo, sabia que "ele" estava ali conosco.

— *O que esperam encontrar aqui? Minhas fraquezas?*

Era o anjo. Aparentemente não estávamos em suas memórias, tínhamos sido atraídos para ele e estávamos à sua mercê, mergulhados numa escuridão total. Lembro-me que tive um súbito impulso de correr, mas não tinha bem certeza de que lado vinha à voz. A idéia de me chocar com o mostro não me pareceu a melhor opção.

— *Vocês estão um pouco longe de casa, meninos*
— A voz era rouca, temperada com sarcasmo.

Tratava-se de ataque psicológico, e o desgraçado estava tendo sucesso. Estávamos no escuro, num mundo cuja nossas percepções insistiam em negar o víamos. Em resumo, estávamos com sérios problemas.

A pressão foi demais para o inspetor. Não podia culpá-lo, afinal ele era um homem de ação. Castelo começou a disparar, gritando para que ficassemos abaixados. O fogo da arma clareava o lugar em lampejos. Pude ver o vulto do que seria o Anjo Negro, Castelo também o tinha visto e concentrou ali seus disparos até que a arma estivesse vazia.

Foi terrível ouvir aquela risada em plena escuridão. As trevas o protegiam... na escuridão total ele ria de nossa fraqueza. Impotência... impotência perante a morte. Não sei exatamente o que aconteceu. Ouvi passos (*Cascos?*) e em seguida Castelo gritou. Ouvi um estalo seco, como se sua coluna estivesse sendo partida. Castelo berrou. Aquela criatura acabara de quebrar um homem ao meio e estava ao nosso redor. O que poderia impedi-la? Lembrei-me que os demônios temiam Dubois, e agarrei-me neste pensamento com unhas e dentes para não enlouquecer. Pode ouvir seu corpo se chocar contra a parede.

Arremessado, ele fora arremessado. Castelo estava gemendo, estava vivo. Dubois ainda segurava meu braço, mas isso de modo algum me tranqüilizou.

— Castelo — gritei. — Pode me ouvir?

O inspetor gemeu. Nada mais que um gemido, um suspiro mais morto que vivo. Talvez fossem as costelas, não tinha como saber... na verdade nunca saberei. A risada infernal soou novamente, deliciada com a direção dos acontecimentos, desfrutando de cada momento, de cada ponta de maldade que realizava. A perda de mais um amigo, para o maldito demônio, era nada mais que uma fonte de prazer. Era como se estivesse brincando de derramar água quente em formigas. Enchia o conta gotas... parte da água virando vapor. Depois escolhia uma formiga a esmo e liberava a água que ainda fervia no tubinho de vidro, deliciando-se com o barulho da formiga queimar. E ele ria... nem parecia um demônio.

Já fazia muito tempo que a risada havia soado. Aparentemente o Anjo Negro havia nos abandonado, imaginando talvez que a incerteza de sua presença fosse tão assustadora quanto sua gargalhada, e ele estava certo. Acho que o que realmente aconteceu, era que eu precisava fazer algo, não podia continuar ali sentado no escuro, imaginando que talvez Castelo estivesse morto.

Demorei um pouco para entender o que se passava com Dubois. Ele não estava paralisado como pensei. Parecia que estava meditando, refletindo sobre o que aconteceu, tentando desesperadamente encontrar uma explicação para o fato de seus conhecimentos sobre o anjo, não serem suficientes. Num movimento rápido ele se levantou.

— Temos que sair daqui — Foi tudo o que disse.

Guiando-nos pela parede, conseguimos encontrar Castelo. Estava morto. Aparentemente supor-tei bem demais mais essa perda. É claro que precisava me manter calmo, era a única chance de sobreviver, mas de certa forma isso me assustava um pouco. Será que eu estava me tornando deliberadamente insensível, ou era apenas o meu extinto de sobrevivência falando mais alto? De qualquer forma, precisávamos sair dali.

Retornamos para o corredor. Sabia que a qualquer momento, aquele desgraçado poderia aparecer para nos partir ao meio, mas ao meu ver, não podíamos fazer mais nada ali. Era óbvio que Dubois estava errado. Talvez não completamente, mas eu não conseguia imaginar como deter aquela criatura.

Estávamos voltado. Dubois continuava calado, perdido em suas tentativas de compreender o que estava diferente. Desde que conheci Dubois, tive a impressão de que ele já havia enfrentado estas coisas. Afinal ele sabia como agir, e o anjo o conhecia. Contudo, era como se algo novo reinasse sobre este lugar, algo diferente do que ele já havia enfrentado.

— Estamos sendo seguidos — disse Dubois de repente.

— Imagina o que pode ser, professor?

— Pode ser qualquer coisa — respondeu-me apavorado. Era como se todo o seu preparo para estas situações, (que antes ele demonstrava com calma e a segurança de um monge) simplesmente tivesse desaparecido.

Os passos vinham por de trás, e cada vez mais próximos. Pude ouvir claramente um rosnado. Dubois também ouviu, pois havia esboçado um gemido. No início, Dubois me deu forças, mas agora ele estava tão perdido quanto eu. Juntos, e inconscientemente, estávamos aumentando nossa velocidade. O que quer que fosse, logo nos alcançaria. Tinha até medo de imaginar o tipo de coisas que rastejavam pela mente de um demônio.

A coisa toda não era fácil. Não foi fácil, nada era fácil. A coisa avançava suja pelo corredor. Quanto mais corríamos, mais ela corria. Era enervante e proposital. Como a coisa desgraçada devia estar se divertindo. Nem imaginava com que se parecia e já a odiava. De repente um urro. Seja lá o for, era grande. Para um urro como

aquele soar era preciso uma grande garganta, findada numa excelente arcada dentária, proporcionando a acústica necessária. Lembrava um urro de Leão, mais grave, e agudo ao mesmo tempo. A razão não existia, estávamos em pânico, correndo alucinadamente, fugindo do urro.

Estávamos de volta à fortaleza, mas continuávamos correndo. Pelo menos ali não era tão escuro. Nos voltamos por um momento, esperando ver se aquilo nos seguia. Primeiro vimos os olhos... amarelados, e com um fundo negro. A respiração da criatura mais parecia o motor de um caminhão: seca e sem vida.

A coisa saiu do Escuro. Ficou parada, rosnando. Era como um cachorro, mas bem maior. A pele parecia uma mistura de escamas e pêlos... e a cabeça era enorme, totalmente desproporcional ao corpo. A enorme fileira de dentes brilhava com a pouca luz, revestida de uma saliva grossa e escura.

Ele nos olhava, enquanto a saliva escorria. Estávamos congelados. A criatura estava com as pernas traseiras flexionadas, prontas para um salto. Não tinha dúvidas de que ela nos alcançaria, por mais que corrêssemos. Era o fim.

Por trás da criatura, surgiu o anjo. Era incrivelmente alto, uns dois metros e meio, talvez. Era muito musculoso, estava com o peito nu, e da cintura para baixo era coberto por um pelo grosso escuro. Uma cauda grossa e roliça dançava por entre as pernas. Quando caminhava, os cascos marcados pelo tempo, ecoavam pela sala. E de sua cabeça, brotavam um par de chifres aerodinamicamente instalados, torcidos para trás, fazendo lembrar os cifres de um carneiro montanhês.

Dubois o olhava espantado, mas pude perceber que ambos já haviam se encontrado cara a cara. O Demônio percebeu a estranheza nos olhos de Dubois. Seus olhos se moveram para cima, como se tentasse ver a própria testa.

— Ah... os chifres. Da última vez eu ainda não os tinha — disse o anjo sorrindo, e num gracejo, disse: — *fui promovido*.

— Olá Azazel. Os chifres... como?

— A *guerra* não é mais a mesma Dubois. Você está ultrapassado. Você sabe, tem que saber... O Criador usa os mesmos métodos, Ele jamais irá mudar. Acho que Ele chama isso de Lei Divina, ou algo assim...

"Mas o mal não... o mal procria nas sombras... você sabe. Somos abominações... mutações, Dubois, mutações... o ódio deforma, Dubois. Ele recria a alma... liberta..."

Eu não podia acreditar. Era como se as representações não fossem tão simbólicas quanto eu imaginava. Afinal lendas tinham que começar em algum lugar. Mas era como se eu não estivesse ali. Eu era apenas um observador, uma estátua de pedra, fazendo apenas parte do cenário. Mas eu estava vendo, assistindo um homem enfrentar o seu demônio.

— Você não pode me ferir — disse Dubois.

— Não quero feri-lo. Você sabe disso. Quero lhe mostrar o quanto tudo mudou... quero, libertá-lo...

— Só há um Libertador.

— Ora Dubois! Por favor, não seja piegas!!!

— “O senhor é meu Pastor, e nada me faltará...”.

— Cale-se Dubois — gritou o anjo. — Você está em minha casa, podia ao menos mostrar um pouco de polidez.

Neste instante, Dubois começou a falar comigo, sem tirar os olhos do anjo.

— Artur, você deve voltar agora. Você foi o elo para que eu pudesse chegar até ele. Agora volte.

— Professor eu...

— Eu posso segurá-lo. Vou conjurá-lo, volte e destrua o corpo. Encontre o corpo e o destrua, eu vou segurá-lo o quanto puder. Agora vá.

— Como vou destruí-lo?

— O fogo purifica... o fogo purifica tudo... vá!!

O demônio protestou alguma coisa, mas eu não pude ouvir, já estava correndo para fora da Fortaleza. Tinha que sair dali rápido. Não soube explicar a sensação de urgência, mas sabia que Dubois não poderia segurá-lo para sempre.

Ao olhar para trás, vi com desprezo a pilha de ossos que começava a sumir de vista. Este com certeza era um lugar de que não sentiria saudades, pensei enquanto atravessava a porta de ferro que conduzia ao pântano. Foi bom rever os animais e os picos cobertos de neve, mas em minha mente vagava a morte do inspetor. Algo precisava ser feito, não havia tempo para apreciar à vista. Caminhei até o alto da montanha onde se encontrava a porta para voltar. Sabia que deveria me concentrar para voltar o mais rápido possível.

A volta foi um choque. Visões de tudo que havia se passado desde que soubera da existência do Anjo Negro. O desaparecimento de Conrad, a morte do Sr. Natanael e de sua esposa. Eram visões carregadas de sensações, visões de medo, perda e impotência diante de um inimigo superior. Visões de um novo mundo. Visões do mal.

Voltei. Foi triste despertar deste pesadelo e encontrar o corpo do inspetor sem vida. Apesar de saber que o que nos acontecesse naquele outro mundo era tão fatal quanto se estivéssemos aqui, eu ainda nutria esperanças em relação ao inspetor. Parece que as esperanças foram em vão. Clarice foi a que menos aceitou

este fato. Ficou óbvio que ela sentia muito mais que amizade pelo nosso amigo policial. Quantos teríamos que perder ainda para que essa criatura fosse detida? Penso que seria mais fácil nos entregarmos e poupar sofrimentos.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR
(CONTINUAÇÃO)

01 de agosto — Realmente o tempo corre diferente entre os mundos. Sei que ficamos vários dias na mente do anjo. Talvez até meses. Mas a Dra. Clarice diz que fiquei apenas alguns minutos em transe. Dubois ainda está lá. Seu corpo está estirado na cama, como se estivesse em coma. Espero que ele esteja bem.

Ainda é dia, sei que nesta noite, teremos um visita, com certeza o desgraçado virá. Tenho que pensar numa maneira de detê-lo.

DIÁRIO DA Dra. CLARICE

(CONTINUAÇÃO)

01 de agosto — O inspetor está morto. Acho que não vamos vencer. Artur disse que não acredita que Dubois voltará. Não entendo a complexidade desta viagem, mas acredito que ele sabe o que diz.

Artur saiu sem me dizer aonde ia. Mandou apenas eu trancar toda a casa, além de levar Dubois para meu apartamento. Ele me ajudou a levá-lo para o carro. Estou em casa agora, velando o sono do Professor Dubois. Não sei o que ele tem em mente, mas sei que ele é a nossa única esperança. Ele me pediu para que eu ficasse afastada de sua casa. Não sei exatamente o que ele pretende, mas sei que vai enfrentar o anjo esta noite.

Artur disse que o viu em sua forma verdadeira. Ele diz possuir uma estranha certeza de que o anjo virá nesta noite. Não imagino como ele vai detê-lo, mas tenho que ter fé.

Acho que fé é a única arma que temos. Acho que nesta noite, estará tudo acabado. Queria estar ao lado de

Artur, mas ele disse que tinha um plano, e que eu poderia atrapalhá-lo. Sei que ele disse isso apenas para me proteger. Vou rezar a noite inteira. Que Deus o olhe por mim.

DIÁRIO DO Dr. ARTUR

(CONTINUAÇÃO)

01 de agosto. Noite — Durante à tarde fui ao banco retirar algum dinheiro. Com o dinheiro em mãos, fui fazer algumas compras. Quero estar preparado para o encontro desta noite. Comprei madeira e pregos, sei que tenho um martelo aqui em algum lugar. Pensei em comprar dinamite, mas acho seria um pouco de exagero. Comprei um crucifixo de ouro, não sei se o crucifixo vai deter a criatura, mas preciso de toda ajuda que puder encontrar. Comprei alguns baldes, um rolo de barbante grosso e alguma gasolina. Não tenho nenhuma arma, e não saberia onde comprar uma com o pouco tempo que tenho. Mas quando voltei para casa, revistei o corpo de inspetor, e encontrei balas e a arma. Deixei-o em minha cama,

coberto por um lenço. Rezei por ele, e disse algumas palavras...

Isto feito, comecei a preparar a ratoeira. Primeiro selei todas as janelas e portas com madeira e pregos, deixando somente a porta da frente livre. Depois que o demônio entrar, terei de ficar entre ele e a porta, e a todo custo tentar deter a sua saída. Depois espalhei os baldes pela casa. Três em cada cômodo, espalhados pelos cantos. Amarrei em suas beiradas o barbante. Os barbantes saíam de cada balde e terminavam nas minhas mãos, no local onde eu me posicionarei para impedir a saída do anjo. Quando começar a escurecer, encherei os baldes com gasolina, não posso me esquecer de umedecer os barbantes, também com a gasolina. Deixarei um dos baldes ao meu lado.

Tenho um pequeno cofre de metal na parede do quarto. Lá, a salvo do fogo, guardarei minhas anotações e o meu diário. Uma outra parte de meus registros, que estão gravados em fitas cassete, estão a salvo, guardadas em meu consultório.

Parece que minha casa será meu túmulo, assim como o do Inspetor Castelo. Espero que esse túmulo seja

para três. Para quatro melhor dizendo, pois devo contar o anjo e o corpo de Conrad como sendo duas pessoas.

Tomara que eu não esteja esquecendo de nada.

Artur estava sentado atrás de sua porta. Ela estava aberta. Ele sabia que logo o corpo de seu amigo Conrad entraria por aquela mesma porta. Amarado em seu pulso esquerdo, estavam os barbantes que — ao serem puxados — derrubariam os baldes com gasolina. A casa estava selada. Seu destino estava selado. Sabia que o que quer que acontecesse nesta noite, seria o seu fim. E para ele estava tudo bem, contanto que levasse o corpo do demônio consigo. Azazel, dissera Dubois. Azazel. Anjo. Demônio. Deus. Homem. Que loucura. Que merda!

— Por que demoras? — perguntou para a casa escura. Sua garganta estava seca, mas não poderia ir até a geladeira agora, e a garrafa de conhaque caída aos seus pés, estava tão vazia quanto o silêncio que pesava no ar,

tão seca quanto sua garganta. — Demônio, por que demoras?

Sabia que era uma questão de tempo. Tempo para matar e morrer. Tempo de prestar contas. Tempo para bolar um plano para que o demônio não lesse sua mente... Artur tin há um plano.

— Demônio, por que demoras?

Embora estivesse bêbado, havia com o álcool a mistura de medo e ódio. Combinação fatal. Estava muito atento, apesar do álcool. Muito atento. Todo ruído, por menor que fosse, era captado. Alguém passou assoviado pela rua. Depois um carro. Um grilo no canteiro. Um pardal tardio na noite escura. Todo som. Mas onde estavam os sons de cascos? Ah, o corpo de Conrad não tinha cascos. Assim, os sons de pessoas caminhando na calçada causavam mais medo.

— E então demônio, por que demoras?

Sabia que em algum lugar do multi-universo, Dubois lutava com Azazel. Lutava? Dubois disse que iria segurá-lo. Mas agora tudo já estava pronto. A armadilha fora montada. Dubois podia deixá-lo ir. Dubois lutava com Azazel em outra dimensão! Artur riu. Riu muito alto. Era

ridículo. Artur estava gargalhando, eufórico, enraivecido, compulsivamente.

Dubois estava dentro da mente do demônio, lutando contra o próprio demônio! Isso era hilário. Era muito engraçado. Era H-I-L-Á-R-I-O!!!! E Artur tinha plena consciência de estar perdendo a razão, mas e daí? Era tudo tão absurdo, tudo tão hilário que não havia como ser de outra maneira.

Artur ria agora a plenos pulmões. Sua barriga estava doendo de tanto rir. Sentiu os músculos do maxilar tensos pelo esforço de manter a boca aberta. Tudo doía, mas o riso era tão bom. Era um banho, dava alívio. Era hilário.

Artur parou de ri de repente. Ouvira passos. Alguém na calçada. O demônio não viria pela calçada. Nem caminharia tão despreocupadamente quanto o som daqueles passos. Ele seria sorrateiro. Ainda não era ele. Eram sons de sapatos, não de cascos.

(E então demônio, por que demoras?)

De súbito a porta abriu-se com uma pancada. Algo muito grande e rápido havia entrado na casa escura. Artur rolou para o lado, fechando a porta com um chute. O

barbante esticando-se em seu braço. Ele pode sentir o cheiro da gasolina que entornava pela casa, um sorriso alargou seu rosto cansado, e ao mesmo tempo um pensamento se formou em sua mente: o corpo de Conrad não tinha cascos!

Quando Dubois abriu os olhos, o que viu foi um cenário diferente do que esperava. Estava em uma cama, num quanto cheios de bonecas e bichos de pelúcia. Não estava na casa de Artur, onde havia deixado seu corpo.

— O que houve, professor — perguntou Clarice ao vê-lo acordado. — O senhor está bem?

— O quê? Onde estou? — Dubois estava confuso, totalmente desorientado.

Clarice ajudou-o a sentar-se na cama. Ela estava com uma blusa de mangas curta e Dubois pode ver as marcas das garras de Conrad. Eram marcas profundas e pareciam infeccionadas.

— Onde está Artur?

— Não sei. Esperava que o senhor pudesse me dizer. Ele me ajudou a trazê-lo até aqui e disse que tinha um plano. O que aconteceu?

— Artur vai enfrentar o demônio sozinho, precisamos correr!

Rapidamente os dois dirigiram-se para o carro da doutora enquanto Dubois lhe contava o que havia ocorrido na mente do demônio. Dubois conseguira mantê-lo inerte por algum tempo, mas logo suas forças se exauriram, e o demônio acabou por se libertar. Dubois sabia que ele não voltaria a enfrentá-lo enquanto Artur estaria atrás de seu corpo. O demônio precisava de garantias. Primeiro mataria Artur, para só então lutar contra Dubois.

Clarice dirigia a toda velocidade, e por duas vezes quase perdeu o controle do carro.

— As ruas desta cidade são muito confusas — protestou Dubois. — Espero que haja tempo, ou não poderemos salvar Artur!

A Dra. estava chorando, o que dificultava a direção. Neste momento, ela perdeu o controle ao fazer uma curva fechada demais. O veículo subiu na calçada, raspando seu lado direito contra um muro. Uma chuva de

faísca acompanhou a passagem do carro Dubois se encolheu quando a porta do seu lado começou a afundar para dentro. Os sons de vidros quebrados e metal contorcido encheu a noite. Clarice tentou girar o volante para o lado da rua, mas foi inútil. A peça pesava demais, em função do eixo estar comprimido entre carcaça e a lataria do carro. Dubois tentou ajudar, esticando-se para o volante, mas não antes do carro atingir violentamente o poste.

Dubois levantou a cabeça e o sangue lhe cobriu os olhos. O corte em sua testa ainda jorrava. Uma dor aguda parecia percorrer todo seu corpo. Clarice estava de lado, viva, apertando os braços contra os seios. “O volante”, pensou Dubois, “ela bateu no volante”.

Ele a ajudou a sair do carro e ambos ficaram sentados na calçada. O mundo parecia girar. Dubois tentou levantar para avaliar a situação do carro, na esperança de ainda poderem alcançar Artur, mas suas pernas fraquejaram. Alguns curiosos apareceram atraídos pelo barulho. Alguns pareciam querer ajudar. Dubois sentiu-se derrotado. Nunca conseguiriam chegar a tempo. Pobre Artur. Estaria sozinho agora.

Clarice lançou um olhar na direção da casa de Artur. Tudo que via era o morro verde escuro que lê

levantava imponente. Dubois acompanhou seus olhos. Primeiro ouviram o estrondo, depois uma nuvem de fogo que parecia ter sido cuspidada para o céu por um imenso dragão.

Epílogo

Eles estavam ali sentados já fazia um bom tempo. Noutra cidade. O aeroporto estava lotado. Pessoas passavam apressadas, indo e vindo em todas as direções. Ela ficou pensando que aeroportos eram lugares de despedidas.

— O que acha que aconteceu? — perguntou cansada, enquanto mexia o açúcar no café.

— Não sei. Talvez ninguém saiba. Infelizmente a parte final do diário de Artur não sobreviveu à explosão — disse Dubois, sentindo o diário de Artur pesar uma tonelada em sua bagagem. Ainda não era a hora destas revelações serem feitas. O mundo não estava preparado. O diário ficaria mais seguro em suas mãos. — Acho que no estado de preocupação em que estava, não se lembrou do gás. Mas acho que o importante é... o importante é que por enquanto acabou.

Ela ficou em silêncio, estava pensando na resposta. Não entendia a razão do "por enquanto".

— Por que por enquanto?

— Por que ele pode voltar. Você sabe disso. Ele não pode morrer, fica apenas aprisionado. Sabemos que ele pode escapar, já fez isso antes... acho que pode fazer de novo.

Isso a assustava. Sempre soube sobre anjos e essas coisas que podiam interferir no destino dos homens. Mas antes, era tudo teórico. A experiência havia lhe mostrado que as "teorias" podiam matar. O que poderia ter acontecido com Artur? Ele teve sucesso? Destruiu o corpo da criatura? Será que ele sabia que ia morrer? Dubois sabia a resposta, mas a verdade também tem sua hora de chegada.

"Ele deve ter planejado tudo", pensou, "sabia que ia morrer".

"Morrer... Artur, Castelo... mortos!?"

Foi necessário. Tinha que pensar assim, mesmo que não aceitasse. Era preciso. Alguém tinha que por fim aquela loucura. O mal precisava ser combatido, os demônios caçados e o equilíbrio mantido. O Bem e o Mal

continuariam em choque, movendo o mundo e o universo.
Era preciso... alguém tinha que enfrentar os demônios...

(Coelhinha...)

Ela estava cansada. Não queria pensar mais nisso.
Não no momento.

(Enfrentar os demônios...)

— O senhor vai enfrentá-lo novamente, não é?

— Sim. Era assim antes de eu nascer, e vai ser assim depois que eu me for.

(Enfrentar... os demônios...)

— Proteger a vida até morrer... e até morrer de novo.

(Os demônios...)

Um vôo foi anunciado nos alto-falantes.

— É o meu vôo, preciso ir — disse o professor, enquanto apalpava o curativo em sua testa. — Você vai ficar bem, ligo assim que puder.

Ela o acompanhou até o portão de embarque. Despediram-se com um abraço. Ele se afastou. Depois ela foi até a janela, queria ver o avião partir.

Enquanto voltava para o carro, pensou que aeroportos eram lugares de despedida. Pensou em Artur...

no Inspetor Castelo. Talvez estivessem justos agora. A morte separa, mas talvez também poderia unir.

“Eles estão juntos agora”, pensou. “Assim como aeroportos eram lugares de despedidas, também são lugares de reencontro. A morte separa, mas também pode unir...”.

A balança estava em equilíbrio... por enquanto...

SOBRE O AUTOR:

Hugo Maximo é trabalha como Coordenador de Projetos do Instituto Evoluir [www.institutoevoluir.org.br] e mantém seu site pessoal no endereço:

www.matrixordinaria.blogspot.com.

Hugo cresceu em uma biblioteca. Filho de bibliotecária, passava as tardes de sua infância em companhia de Monteiro Lobato e tantos outros, na biblioteca de Goioerê, cidade paranaense onde nasceu. Veio para Blumenau em 1995, onde concluiu seu primeiro romance, intitulado: **A Fábula: Cidade dos Desgraçados**, Editora Hemisfério Sul, 2001.

Possui mais dois livros publicados *não-virtualmente*: **A Cidade LOBO** e **O Caso da Cruz de Prata**, Ambos, Editora Estúdio Criação, 2007 (partes integrantes da **Coleção Jóias Literárias** em parceria com o Instituto Evoluir, para o **Projeto TROQUE LIXO POR LIVRO**, ilustrados pelo Mestre dos Quadrinhos Eugênio Colonnese.

É formado em História pela FURB-SC e lecionou durante sete anos na rede estadual de ensino. Atualmente, além de escrever Livros, Blog, Histórias em Quadrinhos e canções de Rock, presta serviço como Coordenador de Projetos culturais.

Entre em contato com o autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Em caso de interesse na publicação desta obra em versão *não-virtual* entre em contato com o autor através do e-mail:
hugo.maximo@gmail.com